

*Karen Fernanda Mourão Batista*

*Júlia Lopes de Almeida e a Educação da  
Mulher nos Livros das Noivas e das Donas e  
Donzelas.*

*São Gonçalo  
2012*

Karen Fernanda Mourão Batista

# **Júlia Lopes de Almeida e a Educação da Mulher nos livros das Noivas e das Donas e Donzelas.**

Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Camara

São Gonçalo  
2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

B333 Batista, Karen Fernanda Mourão  
Júlia Lopes de Almeida e a educação da mulher nos livros de noivas e das  
donas e donzelas / Karen Fernanda Mourão Batista. – 2011.  
60f.

Orientadora : Sônia Câmara  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação feminina 2 Maternidade I. Câmara, Sônia. II. Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

**CDU 37-055.2**

Karen Fernanda Mourão Batista

# **Júlia Lopes de Almeida e a Educação da Mulher nos livros das Noivas e das Donas e Donzelas.**

Monografia apresentada no curso de graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Faculdade de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de 2012

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Camara (Orientadora)

---

Prof. Dr, Jorge Antonio Rangel (Parecerista)

São Gonçalo

2012

## Dedicatória

Á Deus, pela inspiração e fé, aos meus pais e ao meu esposo, pela compreensão por minhas ausências para a realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que permitiu que eu pudesse realizar este trabalho e a intercessão de minha santa de devoção, Santa Catarina de Alexandria, protetora dos estudantes e padroeira dos filósofos, a quem sempre pedi inspiração e coragem para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, que são meus mais ilustres professores, já que suas ações de amor, dedicação, carinho, companheirismo e encorajamento, foram às lições mais lindas que pude vivenciar.

A minha querida orientadora, a professora Sônia Camara, que me ajudou em todas as etapas da pesquisa, que foi bem mais que uma orientadora, mas uma co-autora já que suas orientações foram primordiais para a escolha do tema de pesquisa. A agradeço inclusive por me apresentar a autora Júlia Lopes de Almeida.

Ao meu esposo, por dividir comigo todas as alegrias e tristezas, e agradeço ainda o seu companheirismo nos momentos de angústia que por vezes a pesquisa nos traz.

Agradeço a todos os professores da graduação, pois todos contribuíram para a minha formação acadêmica.

Aos meus colegas graduandos, pois com eles pude compartilhar muitos momentos de aprendizado e risadas, em especial a aluna Marivalda Gonçalves Dias, pela sua humildade, sinceridade, alegria, dedicação, que despertaram em mim uma grande admiração e o prêmio de uma linda amizade.

Ao Professor Jorge Antonio Rangel que se prontificou a realizar o parecer desse trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa de monografia busca investigar as concepções de educação feminina contidas em livros direcionados às mulheres brasileiras em finais do século XIX e início do século XX. Para que esta análise fosse possível, foram selecionados dois livros da escritora Júlia Lopes de Almeida, o *Livro das Noivas*, de 1896 e o *Livro das Donas de Donzelas*, de 1906. A escolha dos dois livros justifica-se tendo em vista que estes assumem características de manuais de conduta para as mulheres, revelando assim, importantes questões sobre o percurso histórico social da mulher brasileira. Nos livros da escritora é possível identificar a presença de diversos discursos de caráter moral sobre a maternidade e o matrimônio, além de orientações domésticas, porém há ainda a revelação de outras questões, como reivindicações objetivas sobre a ampliação de uma educação formal para as mulheres que permitissem inclusive, o aperfeiçoamento de suas funções sociais. A argumentação produzida pela autora é identificada, por nós, como forma de dar visibilidade social para a educação da mulher. A atuação de Júlia Lopes de Almeida constitui de fundamental importância para entendermos a importância das mulheres não somente como escritoras de grande repercussão, mas também como escritoras comprometidas em imprimir as suas escritas uma crítica à situação da mulher à época.

Palavras-chave: Educação feminina. Literatura para mulheres. Função social. Maternidade.

## **ABSTRACT**

This research investigates some conceptions about female education contained in books targeted to Brazilian women in the late nineteenth and early twentieth century. For this analysis was possible, were approached two of her books Julia Lopes de Almeida. The selection of the Book of Brides, 1896 and the Book of Owners of Maidens, the 1906 is justified, because I have in mind that they take on characteristics of conduct manuals for women, thus revealing, important questions about the historical background of social Brazilian woman. In her books you can identify the presence of various discourses of moral character on motherhood and marriage, and domestic guidelines, but there is the revelation of other issues such as objective claims about the expansion of formal education for women that would allow including the improvement of their social functions. The argument made by the author is identified by us as a way to give visibility to the social education of women. The work of Julia Lopes de Almeida is of fundamental importance to understand the role and importance of women not only as writers of great impact, but also as women who sought to print their written a critique of the status of women at the time.

Keywords: Education of women. Literature for women. Social function. Motherhood.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro com ano das publicações -----	15
Figura 2 – Capa do <i>Livro das Noivas</i> -----	34
Figura 3 – Imagem do <i>Livro das Noivas</i> referindo-se ao dia do casamento-----	36
Figura 4 – Imagem do <i>Livro das Noivas</i> referindo-se a distribuição de serviços entre os criados -----	48
Figura 5 – Imagem do Livro das Noivas referindo-se ao bom tratamento pessoal para com os criados-----	50
Figura 6 – Imagem do Livro das Noivas exaltando a maternidade-----	52
Figura 7 – Imagem do Livro das Noivas referindo-se a necessidade das filhas terem sua literatura orientada pelos pais-----	55

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO:</b> -----	9
<b>1. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA</b> -----	13
<b>1.1 Júlia Lopes de Almeida: apontamentos biográficos de uma vida singular</b> -----	13
<b>1.2 O estudo do gênero na história da sociedade brasileira</b> -----	19
<b>1.3. Júlia Lopes de Almeida e a situação da mulher no contexto da época.</b> -----	21
<b>2. A BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA E A MULHER COMO AGENTE HISTÓRICO</b> -----	30
<b>2.1 As Transformações sociais e a mulher como elemento de educação</b> -----	30
<b>2.2 O Livro das Noivas e Donas e Donzelas como literatura voltada para a educação feminina</b> -----	33
<b>3 OS LIVROS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA COMO POTÊNCIA NA DIFUSÃO DE SABERES EM DEFESA DE UMA EDUCAÇÃO FEMININA</b> -----	39
<b>3.1 A educação feminina e o seu fim.</b> -----	39
<b>3.2 O Livro das Noivas e suas lições sobre higiene</b> -----	44
<b>3.3 Ser dona do lar: um saber necessário e exclusivamente feminino</b> -----	47
<b>3.4 Ser mãe: o destino ideal da mulher e sua missão de vida</b> -----	51
<b>CONCLUSÃO</b> -----	58
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:-</b> -----	60

## INTRODUÇÃO

A escolha de um tema histórico sobre as mulheres em seus modelos educativos surgiu de questionamentos pessoais vivenciados antes mesmo da graduação em Pedagogia. Diferenças sociais de comportamento, tratamento e oportunidades entre homens e mulheres têm proporcionado historicamente aos indivíduos do sexo masculino um maior prestígio social, embora antes do início da graduação, me faltasse elementos teóricos que me permitissem uma compreensão e desnaturalização desta condição cultural.

Algumas idealizações a respeito do feminino como os fatores de submissão social diante dos homens ainda são perceptíveis na sociedade, embora muitos destes ideais já sejam considerados ultrapassados pelo contexto social brasileiro do século XXI, mas algumas marcas históricas persistem, demonstrando que a questão da mulher brasileira, no que se refere à ampliação de seus direitos legais, foi resultado de uma busca por melhores condições sociais. Suas conquistas sociais são méritos de sua militância e engajamento em movimentos feministas desde suas primeiras reivindicações ainda nos finais do século XIX.

Diante de inquietações pessoais sobre a questão feminina, identifiquei na produção da monografia uma oportunidade de compreender e abordar alguns elementos que envolvem a temática sobre a história da concepção da educação da mulher brasileira.

Como o tema da educação feminina mostrou-se muito amplo, não foi um movimento fácil delimitar o objeto de estudo. Ao selecionar como objeto de estudo a análise de manuais educativos para moças, recebi como sugestão de minha orientadora a professora Sônia Camara, o *Livro das Noivas* de autoria de Júlia Lopes de Almeida, autora esta ainda desconhecida por mim, talvez pelo motivo desta não ter recebido uma merecida menção na história da literatura brasileira, principalmente pela característica de escrita versátil que possuía.

Em finais do século XIX, surgia uma literatura específica para mulheres, visando promover uma orientação de modos de como deveria atuar socialmente. Muitos destes manuais eram escritos por homens, mas o estudo em questão analisa os manuais escritos por mulheres. A literatura produzida por Júlia Lopes de Almeida tornou-se atrativa, portanto foram selecionados dois livros de sua autoria: *O Livro das Noivas* que teve a sua primeira edição em 1896 e o *Livro das Donas e Donzelas* com sua primeira edição em 1906. Estes livros são dotados de uma linguagem direcionada ao público feminino, enfatizando formas femininas de modos de bem viver na sociedade, além de possuir uma forte valorização de uma educação para a mulher brasileira de acordo com o seu contexto histórico.

Após eleger o *Livro das Noivas* e o *Livro das Donas e Donzelas* como objeto de pesquisa, o desafio que norteou este trabalho era o de identificar a concepção de educação feminina contido nos livros, bem como os temas recorrentes de seus livros, para a realização do desenvolvimento da pesquisa. Embora a primeira edição do *Livro das Noivas* seja de 1896, estaremos utilizando a 4ª edição, lançada em 1926. O *Livro das Donas e Donzelas* teve sua primeira edição em 1906, não tivemos acesso ao livro, sendo as consultas realizadas em arquivo digital pelo site Domínio Público.

Ao delimitar o tema sobre a educação feminina a partir dos livros de Júlia Lopes de Almeida como fontes, percebi que estes não se resumiam em uma crença prévia de que havia apenas uma reprodução de um modelo de dominação cultural masculina, mas foi identificado também elementos de uma consciência feminina, de sua situação cultural, que apresentava os movimentos de reivindicação de uma melhor educação, mesmo que ainda caracterizada por uma sutileza de discurso, sendo talvez uma forma eficaz e possível de difundir suas idéias. As fontes revelam ainda o contexto social brasileiro da época, as influências liberais feministas vindas da Europa, e que de certo modo, influenciavam as mulheres da elite brasileira e sua educação.

O trabalho não busca atribuir culpa aos homens pela falta de autonomia social que as mulheres historicamente foram sujeitas, mas compreender alguns mecanismos que possibilitaram essa condição, que entre elas, estava a elaboração de uma educação para as moças, e como nenhum processo educativo é neutro, podemos pensar que a educação feminina foi elaborada segundo as concepções sociais vigentes, sobre como ser uma “boa” esposa e principalmente, ser uma “boa mãe”.

A mulher era considerada herdeira de pecados da carne e da cobiça, monstro portador de suores úmidos, um ser capaz de loucuras e atrocidades quando não regulado (no sentido biológico e social). Por isso, ela deveria ser vigiada de perto; sua sexualidade, seus anseios e seus desejos deveriam ser convertidos a uma só meta: a maternidade. A maternidade, destino biológico do ser mulher, passa a ser domínio das culturas que ditam as regras sob as quais deve ser exercida, pelas próprias mulheres, mas também pelos homens e instituições (GALVÃO; LOPES, 2010, p.62).

Compreender a concepção da educação feminina é também compreender muitas questões sociais que justificam o histórico das reivindicações feministas por melhores condições sociais, sendo, portanto, um estudo necessário para as ciências sociais. Ajuda-nos

ainda a compreender a existência de idealizações femininas como a busca da felicidade no casamento, a circulação de materiais como revistas e livros com orientações femininas do bem viver social, além de preconceitos que envolvem a profissionalização da mulher entre outros elementos que diferenciam o gênero feminino do masculino e o torna um objeto rico de estudo.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho foi análise de fontes primárias, selecionando os temas recorrentes dos dois livros que abordavam de forma geral: a necessidade de uma educação para as moças e futuras mães; orientações de como dirigir a educação e o trato com os filhos; orientações sobre higiene para o lar e para a família; orientações sobre casamentos, entre outros. Nesse movimento, buscamos confrontar os referenciais teóricos que pudessem ajudar a responder a pergunta norteadora da pesquisa, a saber: qual seria a concepção de educação feminina em finais do século XIX e início dos XX? É válido ressaltar que para as citações utilizadas do *Livro das Noivas* e *Livro das Donas e Donzelas*, respeitaram-se as normas ortográficas do período da publicação destes livros.

Para isto, recorreremos a autores como Bourdieu (2002) e Hahner (1981), que contribuíram para a compreensão do percurso histórico e social das mulheres, situando às obras de Almeida sob um contexto histórico, permitindo a compreensão de suas obras como atos de inovação, e não de mera reprodução dos modelos sociais estabelecidos para sua época. Como fontes para a pesquisa biográfica de Júlia Lopes de Almeida, recorri aos trabalhos de Salomoni (2005) e artigo de De LUCCA (1999) que retratam com detalhes os aspectos da vida pessoal de Júlia Lopes de Almeida.

A monografia se organiza em três capítulos. No primeiro capítulo, *Júlia Lopes de Almeida como fonte para a história da Educação Brasileira*, são realizados apontamentos biográficos de Júlia Lopes de Almeida, abordando a importância da pesquisa sobre a história das mulheres e fazendo um panorama histórico dos principais acontecimentos sociais envolvendo as mulheres no século XIX e início do século XX.

O segundo capítulo, *A Belle Époque Brasileira e a mulher como agente histórico*, abordamos as mudanças políticas brasileiras devido a instauração da República, pois neste período já se pensava sobre a necessidade de uma educação formal aos cidadãos brasileiros e como consequência, qual seria a educação reservadas as mulheres neste contexto.

Por fim, no terceiro capítulo, *Os Livros de Júlia Lopes de Almeida como potência na*

*difusão de saberes em defesa de uma educação feminina*, retratamos os aspectos relacionados a educação feminina que estavam presentes nos livros de Júlia Lopes de Almeida, contextualizando-os a partir das abordagens realizadas nos capítulos anteriores.

Os livros de Júlia Lopes de Almeida, como também a sua biografia são elementos importantes para a análise, especialmente sobre a concepção de educação feminina, já que o rumo da pesquisa teve uma maior amplitude do que inicialmente se esperava, demonstrando a não consistência de se iniciar uma pesquisa premeditando o seu resultado. Tínhamos como hipótese inicial que encontraríamos nos livros da Júlia Lopes de Almeida apenas a confirmação de reproduções de modelos sociais estabelecidos, como a submissão feminina em relação à masculina, porém, a pesquisa trouxe a tona elementos mais precisos e ocultos,. Importante destacar neste aspecto a defesa que a escritora faz sobre a necessidade da mudança de atitudes femininas diante de uma recém República brasileira, exigindo maior esforço das mulheres, iniciando então um movimento de valorização das funções exercidas pelas mulheres e denunciando a necessidade de ampliar a educação para as moças.

Portanto, quando se esperava que nos livros de Júlia Lopes de Almeida pudesse se identificar apenas o seu conformismo com um modelo de dominação cultural masculino, também se constataram outros elementos, que dentro das possibilidades da autora, estava à defesa de alguns interesses da mulher brasileira, como uma melhor formação educacional. Este elemento, entre outros, fazem de Júlia uma intelectual que nos traz uma visibilidade histórico-social da mulher brasileira e, seus manuais como instrumentos capazes de capturar aspectos acerca da história da mulher e do seu significado e contribuição para a literatura brasileira, como também sua importância intelectual na defesa dos interesses femininos.

## CAPÍTULO I

### JÚLIA LOPES DE ALMEIDA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

#### 1.1 Júlia Lopes de Almeida: apontamentos biográficos de uma vida singular.

As particularidades da vida pessoal de Júlia Lopes de Almeida é também um capítulo a mais quando buscamos esclarecer a posição social da mulher brasileira em finais do período oitocentista brasileiro. Nesse particular, Júlia Lopes de Almeida<sup>1</sup> foi uma escritora com uma vasta produção literária e teve grande importância para a literatura brasileira. Júlia Lopes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1862 e foi originária de uma família abastada e de penetração nos círculos intelectuais do Rio de Janeiro. Filha dos imigrantes portugueses, Dr. Valentim José da Silveira Lopes e de D. Antonia Adelina Pereira, a família Silveira Lopes usufruía de condições financeiras favoráveis. Seu pai foi professor e proprietário do Colégio de Humanidades, instituição fundada no Rio de Janeiro. O Sr. Valentim também se formou em medicina na Alemanha enquanto a sua família permaneceu residindo no Rio de Janeiro. Ao regressar ao Brasil já formado em médico, mudou-se com a família para a cidade paulista de Campinas em 1869 (Salomoni, 2005 e De Lucca, 1999).

Desde jovem, Júlia apresentou uma forte inclinação para a literatura. Sua primeira crônica, escrita com apoio do seu pai, foi lançada no jornal a *Gazeta de Campinas* em 1881, intitulada de *Gema Cunibert*. Adiante, Júlia Lopes de Almeida desenvolveu-se em suas atividades literárias, entre elas, foi cronista do jornal *O País* no ano de 1884, e em colaboração com sua irmã Adelina, lança o seu primeiro livro *Contos Infantis*, em 1886.

Por ter como uma das suas maiores marcas de escrita o direcionamento de sua linguagem ao público feminino, se deve o fato de ser tão mencionada quando há referência ao feminismo brasileiro, pois no período de circulação de suas obras, não era comum à realização de atividades literárias por uma mulher. No entanto, sua condição social favorável e apoio patriarcal podem ser considerados como um facilitador do seu desenvolvimento intelectual, sendo um elemento de análise deste estudo.

---

<sup>1</sup> Informações biográficas extraídas de SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A Escritora / Os Críticos / A Escrita: O Lugar de Júlia Lopes de Almeida na Ficção Brasileira* [tese]. Porto Alegre. UFRGR. 2005.

Ver também em DE LUCA, Leonora. “O feminismo possível” de *Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934)* [artigo]. Cadernos Pagu, nr. 12, 1999.

Casou-se com Filinto de Almeida, um poeta português que residia na cidade do Rio de Janeiro, seu casamento foi realizado em 28 de novembro de 1887 em Portugal. Filinto de Almeida foi um dos editores da Revista *A Semana*, uma revista que teve uma grande circulação na cidade do Rio de Janeiro. Júlia Lopes de Almeida, após seu casamento com Filinto, intensificou suas produções literárias, o que pode ser um indicativo de que tivesse um forte apoio na realização de suas atividades por parte de seu marido.

Podemos crer que sua literatura teve grande destaque nacional, já que suas obras tiveram um grande número de circulação considerando ainda o período histórico de lançamentos de suas obras, onde a população de analfabetos no Brasil era muito elevada. Sua escrita também evidencia uma linguagem reservada principalmente ao público de mulheres brancas, letradas e pertencentes a uma classe social elevada, já que no Brasil, mesmo após a proclamação da República, a aquisição da leitura e escrita era um bem de poucos, mesmo entre moças de classe social elevada.

Pode-se afirmar que Júlia Lopes de Almeida possuía um forte acesso à imprensa, pois além de ter atuado como cronista em jornais como a *Gazeta de Campinas* e *O País*, dois importantes romances foram primeiro lançados em forma de folhetim, *A Família Medeiros* e a *Viúva Simões* na *Gazeta de Notícias*. Ao longo de sua carreira literária, Almeida colaborou em jornais, atuou como conferencista em eventos que tratavam da ampliação dos direitos femininos, como o *Consejo Nacional de Mujeres de la Argentina* em 1922, além do *Congresso Feminista* de 1922. Foi também presidente honorária da *Legião da Mulher Brasileira* e ainda ocupou a cadeira número 26 da Academia Carioca de Letras.

Dando foco aos livros tratados neste estudo, em 1896 foi publicada a primeira edição do *Livro das Noivas*, um livro diferente dos lançados anteriormente por ser um manual descritivo de modos de agir socialmente em variados estágios da vida de uma mulher, como casamento, administração dos serviços da casa, delegação de funções aos criados, na educação dos filhos e ainda a orientação da higiene no lar. O *Livro das Noivas* também exaltava a condição da mulher como uma missão. Missão identificada, principalmente, com o cuidar, pois este seria segundo Almeida, o papel mais “amplo e mais sagrado” da mulher (ALMEIDA, 1926, p.13). A vida pessoal de Júlia estava muito presente em sua escrita, questão esta que pode ser percebida no *Livro das Noivas*, já que a autora tentava adequar a administração de sua vida pessoal - o cuidado com os filhos e o marido - com a literatura.

*O Livro das Donas e Donzelas* que também possui uma característica diferente de seus romances, é bastante evidente que a escrita é direcionada para as mulheres, inclusive a autora se refere às leitoras como “amigas”. Pode ser considerado um livro em forma de manual como

o *Livro das Noivas*, porém abordando novas questões de cunho jornalístico e menos descritivos do que o *Livro das Noivas*.

Ao longo de sua carreira, Almeida faz muitas viagens a Europa, onde inclusive teve algumas de suas obras traduzidas para o francês. Segundo De Lucca (1999) em 1925, Júlia Lopes de Almeida se muda para França, para acompanhar sua filha Margarida Lopes de Almeida para seus estudos em Paris, só retornando ao Brasil em 1932, oito anos depois.

De acordo com Salomoni (2005), em 1934, Júlia Lopes de Almeida viaja para África para auxiliar sua filha Lúcia que sofria de suas complicações de saúde, na viagem Júlia adquiriu malária, vindo a falecer no Brasil dias após seu retorno, mas precisamente em 30 de maio de 1934 com setenta e dois anos de idade. Neste mesmo ano foi lançado o seu último romance, *Pássaro Tonto*.

A seguir, consta um quadro com os livros publicados por Júlia Lopes de Almeida com seus respectivos anos de publicação e editoras:

<b>Ano de publicação</b>	<b>Título do livro</b>	<b>Editora da 1ª Edição</b>
1886	Contos infantis	Typographia Mattos Moreira
1887	Traços e Iluminuras	Typographia Castro Irmão, Lisboa
1888	Memórias de Martha	Casa Durski
1892	A Família Medeiros	Não Localizado
1896	Livro das Noivas	Francisco Alves
1897	Viúva Simões	Antonio Maria Pereira Editor
1901	A Falência	Oficina de Obras da Tribuna
1903	Ânsia Eterna	Casa H. Garnier
1906	Livro das Donas e Donzelas	Francisco Alves
1907	Histórias de nossa terra	Francisco Alves
1908	A Intrusa	Fundação Biblioteca Nacional
1910	Eles e Elas	Francisco Alves
1911	Cruel Amor	Francisco Alves
1913	Correio da Roça	Francisco Alves
1914	A Silveirinha	Francisco Alves

1916	A Árvore	Francisco Alves
1917	Era uma vez	Jacinto Ribeiro dos Santos
1917	Teatro	Renascença Portuguesa
1920	Jornadas no meu país	Francisco Alves
1922	A Isca	Leite Ribeiro
1922	Jardim Florido	Leite Ribeiro
1923	Oração a Santa Dorotéia	Francisco Alves
1925	A Maternidade	Olívia Herdy de Cabral Peixoto
1932	A casa Verde	Companhia Editora Nacional
1934	Pássaro Tonto	Companhia Editora Nacional

Figura 1: Quadro com as publicações literárias de Júlia Lopes de Almeida. Produzido por nós.

Almeida participou também da imprensa comum como colunista e cronista em periódicos de sua época. Entre os principais periódicos estão a *Gazeta de Campinas*, o jornal *O País* e a *Gazeta de Notícias*. Foi uma autora de grande repercussão na *Belle Époque* brasileira, dotada de uma escrita simples e objetiva, sendo um elemento de aproximação de suas leitoras.

Analisando sua bibliografia, identifica-se um intenso movimento literário, marcado pela publicação de vinte e cinco livros, além de contos, colaborações em diferentes jornais do Brasil e de Portugal. Essa alta rotação de publicação pode ser uma indicação de uma boa aceitação de seus escritos, supondo um suposto sucesso de público pelo fato de haver um curto espaço de tempo entre a publicação de um livro para o outro, além de diversas edições de seus livros. Considerando o período histórico dos finais do século XIX, a obra de Júlia Lopes associa-se a produções intelectuais realizadas por mulheres, o que não eram atividades comuns de serem desenvolvidas, e inclusive havia o reconhecimento por parte de Júlia da dificuldade de produções intelectuais estando na condição social de mulher, como podemos perceber em um trecho de sua entrevista concedida a João do Rio:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura de papel uma porção de rimas [...] De repente, um susto. Alguém batia a porta. E eu, com a voz embargada, dando voltas à chave da secretária: Já vai! Já vai! (ALMEIDA *apud* RIO, [s/d], p. 10).

A condição de pertencimento da classe social de Júlia contribuiu positivamente para sua carreira, pode-se afirmar que Júlia foi beneficiada pelas aquisições culturais de sua família, sobretudo do seu pai, que possuía uma forte formação intelectual vivenciada na Europa, concedendo a Júlia um ambiente amplo, com acesso a possibilidades educativas restritas à maioria da população. Júlia casou-se também com um intelectual, o que favoreceu a permanência em suas atividades artísticas e talvez até mesmo o seu desenvolvimento como escritora.

Almeida participou de reuniões para a criação da então Academia Brasileira de Letras (ABL), mas não foi incorporada como membro. Este aspecto pode ser explicado, em parte, devido a sua condição de mulher. Seu marido, Filinto de Almeida, ocupou a cadeira número 3 da ABL. A exclusão de Júlia Lopes de Almeida em ocupar uma cadeira da ABL pode demonstrar o quanto à mulher era desprestigiado socialmente.

Júlia Lopes de Almeida apesar de não ser tão mencionada entre os mais célebres escritores brasileiros foi uma das mais importantes escritoras de sua época. Dotada de grande versatilidade, escreveu desde contos infantis, romances e manuais para mulheres, com destaque para o *Livro das Noivas*, o *Livro das Donas e Donzelas*, estes últimos, as fontes primárias desta pesquisa.

Atualmente, alguns estudos sobre a autora Júlia Lopes de Almeida tentam defini-la politicamente ora como feminista, ora como conservadora dos modelos de dominação masculina. De fato, Júlia foi importante defensora dos interesses da mulher, que entre eles estava a ampliação da educação e tinha opiniões consideradas feministas para o contexto da época, como a defesa do trabalho formal para as moças em casos de necessidade financeira. Também foi considerada uma defensora da família, pois em seus argumentos, ressaltava sempre a prioridade da dedicação da mulher para com o marido e os filhos, fator este nem sempre em harmonia com alguns interesses feministas considerados mais radicais. Porém, é possível pensar que Júlia Lopes de Almeida talvez não tivesse no início de suas atividades literárias, a intenção de se posicionar politicamente como uma feminista, e podemos pensar sua biografia e suas produções literárias não como um reflexo para defini-la politicamente, mas para revelar qual seria a concepção de educação feminina que seus escritos trazem.

O início da República brasileira foi marcado por um intenso movimento ideológico de mudança social. Difundiam-se no Brasil muitos ideais liberais já vivenciados na Europa, como a necessidade da ampliação da educação formal para a população e com isso, influências para a ampliação dos campos de atuação da mulher, que envolviam mais do que

uma educação feminina de cunho formal, mas também sua própria profissionalização, e as reivindicações do movimento feminista são exemplos da difusão de ideais liberais no Brasil, que começavam a moldar as concepções de mulher na sociedade, e a obra de Júlia estava situada neste contexto histórico.

A discussão acerca da definição se Júlia era feminista ou conservadora não é recente. Esta questão pode ser evidenciada através de uma observação do escritor João do Rio:

A Sra. Júlia Lopes de Almeida é o tipo ideal de mãe de família; acha infantil o feminismo, o nefelibatismo e outros maluquismos da civilização. As suas idéias modestas e sem espalhafato, a sua sensibilidade sem extravagâncias souberam tocar o público. A colaboração de Sra D. Júlia nos jornais aumenta a edição dos mesmos. Que importa a D.Júlia um crítico, dois críticos, três, uma dúzia mesmo contra ela? A sua marca é boa, é vendável (RIO, [s/d], p. 100).

Júlia foi defensora de uma educação feminina com caráter mais formal, contrária a educação superficial e distinta da que era promovida aos indivíduos do sexo masculino. Acreditava inclusive que com uma educação mais formal, que tivesse acesso aos conhecimentos científicos, a mulher poderia desempenhar melhor as suas funções sociais, como educar seus filhos, pôr em prática conhecimentos de higiene e saúde, entre outros. Suas convicções ideológicas estavam muito bem marcadas em suas obras e também podem ser considerados como resultado de influências européias de bem viver social, já que os modelos sociais europeus eram considerados os modelos sociais de progresso, portanto, o estabelecido para ser seguido, sobretudo o francês, muito presente nos manuais de conduta feminina escrito por Almeida.

## 1.2 O estudo do gênero na história da sociedade brasileira

Segundo Hahner (1981), nos estudos históricos mundiais, pouca menção se fez à participação social da mulher. É inquestionável a sua importância na formação das sociedades em geral, porém a desvalorização de sua atuação social pode ter várias explicações como à diferenciação das atividades desempenhadas entre homens e mulheres, o que as colocou em uma posição menos privilegiada no quesito de transmissão e dominação dos meios culturais e sociais. Culturalmente a mulher desempenhou atividades sociais menos prestigiadas, o que contribuiu para a sua pouca significação enquanto um agente de produção histórico.

O estudo da história da mulher é uma necessidade quando se busca compreender as configurações sociais, conforme Hahner, “as mulheres devem ser estudadas à luz das atividades que executam e das posições que ocupam em suas próprias sociedades” (1981, p.16). Portanto, devemos compreender que as mulheres ocupam todas as classes sociais e muitas vezes estão envolvidas no centro do poder das sociedades em geral, o que as tornam um grupo social distinto de si mesmo, pois há variações educativas de acordo com a classe e atividade social que executam, justificando assim a necessidade de esclarecimentos sobre a concepção de educação do gênero feminino, que é um tema muito amplo e complexo das ciências sociais.

A mulher, mesmo em condições de dominada, reteve ao longo de sua história, os valores sociais vigentes. Nas sociedades em geral, são absorvidos os valores e preceitos de seu período, mesmo que haja críticas a modelos pré-estabelecidos, o indivíduo inserido em uma sociedade não é neutro, sendo importante ter uma ação reflexiva sobre este fato, pois é de fácil percepção a reprodução de ideais masculinos feitas por mulheres, demonstrando um comportamento feminino de caráter coadjuvante em relação ao poder legitimado do homem. Ainda segundo Hahner (1981, p.18), como a mulher pertence a uma categoria muito peculiar, as comparações com outras categorias sociais com históricos de opressão como grupos étnicos, grupo de escravos, entre outras minorias, podem apenas aproximar questões sociais similares com questões sobre a mulher, mas não definir parâmetros comparativos, pois a mulher é uma categoria social que possui uma relação muito próxima com seus opressores, participando talvez de elementos de sua própria opressão e muitas vezes reproduzindo seus próprios meios de dominação nas formas de transmissão cultural.

Apesar da mulher historicamente estar à margem das relações de poder cultural, são pertencentes de diversos grupos sociais e algumas foram beneficiadas por fazerem parte de classes sociais elevadas tendo, então, algum tipo de privilégios que não poderiam estar ao

alcance, por exemplo, de homens de classes sociais inferiorizadas. Mesmo assim, não havia como desassociar sua condição social de mulher independente da classe social pertencida, pois o gênero de um indivíduo era a primeira condição para o estabelecimento das relações de poder.

Analisar a historiografia da mulher tomando por base somente mulheres que tiveram destaque social, nos ajuda a capturar elementos sobre o percurso histórico de suas lutas sociais, mas não esclarece por completo as concepções de educação feminina, caso contrário, se estaria fazendo uma análise reducionista deste campo de estudo. É preciso analisar outras questões, dar luz às atividades que somente a elas foram reservadas, compreendendo assim o pouco prestígio recebido pela execução de suas atividades, pois desta forma, estaremos esclarecendo também qual seria o fim educacional para as mulheres.

Questionamentos sobre qual o fim da educação feminina são importantes para a formulação de hipóteses e também para buscar compreensão das mensagens de exaltação moral encontradas em manuais femininos. De fato, podemos considerar que em finais do século XIX e início do século XX, havia uma ampliação do acesso dos indivíduos do sexo feminino à educação, mas o objetivo de uma educação para a mulher era muito distinto do objetivo de uma educação direcionada aos homens. Através da análise dos manuais femininos é possível identificar instruções de como se tornar uma boa esposa e mãe, enquanto que os homens usufruíam de uma maior autonomia educacional, longe de preocupações com adornos do lar e preocupação moral em agradar a família, exceto o dever moral de sustentá-la.

Através da análise dos manuais podemos capturar algumas idealizações do feminino presente na sociedade. Partindo do princípio que qualquer processo educativo possui seus fins, a análise destes manuais femininos revela ser um material rico para se identificar algumas concepções sobre a educação feminina. Para uma análise apurada da história da mulher brasileira, é importante recortar o objeto de estudo que se pretende analisar, identificando o momento histórico e investigando as atividades femininas, seus modos de vida, de forma contextualizada.

As fontes primárias que farão parte desta análise evidenciam grande exaltação da família, além de preceitos morais do período e apresenta a mulher como uma figura central, que tinha como incumbência exercer a função quase que sagrada de ser boa esposa e mãe, mas Almeida também faz menção para melhores condições de vida para a mulher, defendendo a ampliação da educação formal e enfatizando que desta forma, toda a sociedade seria privilegiada, pois a mulher estaria mais apta para exercer suas funções, não rompendo com a posição de comando do homem.

Pela análise dos manuais escritos por Almeida, ficam muitas evidências sobre as características do contexto histórico-social das mulheres brasileiras, porém é necessária muita cautela para não se estabelecer conclusões próprias do senso comum. Não podemos comparar os manuais históricos de conduta feminina, por exemplo, com padrões culturais contemporâneos, por isso, é importante analisar o contexto histórico do período da circulação dos livros a fim de capturar elementos precisos das fontes, caso contrário, deixa de ser reveladas importantes questões sobre o papel da mulher na sociedade. Essa forma investigativa de fazer pesquisa se torna essencial quando se busca uma análise menos generalista, almejando uma compreensão mais íntima do objeto de estudo. Identificamos que em geral, as mulheres não tinham autonomia no governo de suas vidas e, não usufruíam dos mesmos avanços sociais que os homens, mas que ao mesmo tempo, estavam inseridas em todas as camadas sociais, o que diferenciava os seus modos de vida e sua atuação na sociedade de acordo com a classe social que pertencia, tornando o estudo do gênero feminino um estudo amplo e de alta complexidade.

### **1.3. Júlia Lopes de Almeida e a situação da mulher no contexto da época**

Apesar de a mulher ter contribuído para a constituição da sociedade brasileira, assim como das sociedades em geral, seu reconhecimento enquanto agente histórico não é valorizado. Até mesmo os movimentos feministas pouco ganharam destaque na historiografia da mulher brasileira. Segundo Hahner:

O feminismo abrange todos os aspectos da emancipação das mulheres e inclui qualquer luta projetada para elevar seu status social, político, ou econômico; diz respeito à maneira de se perceber da mulher e também à sua posição na sociedade (HAHNER, 1981, p.25).

Segundo Hahner (1981), o que acontece no Brasil é relacionar feminismo com o movimento sufragista, mas o conceito de feminismo pode ser contextualizado de forma mais ampla, englobando outros movimentos, como o literário ou o educacional. Analisando a vertente de que feminismo engloba qualquer movimento cultural que busque alguma elevação social da mulher, é que muitos denominam a autora Júlia Lopes de Almeida como uma feminista. Em contrapartida, podemos questionar essa afirmação, pois o fato de ser mulher e atuar como escritora não significa ser feminista. No entanto, Almeida defendeu questões feministas, como: o maior acesso à educação pelas mulheres, mesmo sob a égide de uma

educação voltada para a constituição da boa mãe e esposa, o que em suma não significa automaticamente a ascensão social da mulher no sentido de obtenção de liberdade. Porém é preciso destacar que estes questionamentos não são para classificar a autora Júlia Lopes de Almeida como feminista ou não, mais sim para nos ajudar a compreender quais eram as concepções de educação feminina contida em seus livros, atentando devidamente para situá-los no contexto histórico.

Outra questão que não pode deixar de ser mencionada é que os movimentos em prol dos direitos femininos como o acesso á educação são originados de mulheres de classes sociais elevadas, que tinham maior acesso aos bens culturais, inclusive os de aquisição da leitura e escrita, e esta condição reduzia o efeito dos movimentos que estavam cada vez mais reservados a minoria brasileira alfabetizada.

No Brasil, sobretudo no contexto de difusão dos ideais feministas, a literatura e os jornais foram a principais ferramentas e o período de maior circulação dessas ferramentas foi no período identificado como a *Belle Époque* brasileira, de 1889 a 1922. A análise do que era direcionado às mulheres em periódicos e manuais não esquecendo de relacioná-los ao contexto histórico é uma forma de compreender a concepção de mulher idealizada para uma sociedade. As próprias mulheres escritoras possuíam um ideal de como atuar socialmente, pois suas produções não eram neutras e exerciam opiniões sobre sua condição social que estavam relacionadas com uma conformidade social de dominação masculina, ou não.

Em obras direcionadas ao público feminino que circularam no Brasil, podemos observar escritos indicando como a mulher deveria atuar. Manuais de conduta, tanto de autoria de homens quanto de mulheres, faziam parte do repertório de obras que circulavam entre o público feminino, e tinham como características exortações morais e idealizações religiosas.

No Brasil, uma das pioneiras na defesa da ampliação da educação para o público feminino, foi Nísia Floresta<sup>2</sup> que já em meados de 1840 se referia à educação da mulher como uma necessidade. Ao longo do tempo, com o advento de recursos tecnológicos, houve uma maior ampliação da educação para as mulheres, sobretudo na cidade do Rio de Janeiro que tinha o *status* de centro intelectual do Brasil, resultado da instalação da corte portuguesa e dos investimentos urbanísticos, além da promulgação da Lei Geral de instrução de 15 de outubro

---

<sup>2</sup> Nísia Floresta, intelectual brasileira foi talvez uma das primeiras feministas do Brasil. Publicou alguns livros e artigos direcionados para o público feminino.

de 1827 que previa em seu artigo 1º, A criação de escolas para meninas nas cidades e vilas mais populosas, caso fosse julgado como necessário<sup>3</sup>.

Mesmo o Rio de Janeiro sendo o centro literário do Brasil do período, havia uma parcela muito alta da população analfabeta, mesmo entre a classe média a alta da sociedade. Partindo desta perspectiva, as mulheres tinham menos acesso ao letramento e muitas das que liam, o faziam de forma superficial já que muitos acreditavam que a mulher, “não devia ir além dos livros de orações, porque seria inútil para uma mulher, nem tampouco deveriam elas escrever, como era sabiamente ressaltado, a fim de que não fizessem um mau uso da arte” (LUCCOCK *apud* HANHER, 1981, p.32).

Outra característica da educação escolar do período de transição do Império para a República era a distinção que se fazia entre meninos e meninas. Os meninos recebiam uma educação mais formal, enquanto as meninas recebiam uma educação onde a ênfase era o saber cuidar do lar, o que englobava aulas de corte e costura, e também ser socialmente apresentáveis. Valorizava-se a língua francesa e o estudo do piano, ou seja, o objetivo de um processo educativo para as meninas ricas era que soubessem fazer sala, que era um requisito essencial de uma moça de boa família. Estes fatos sugerem claramente que a educação reservada às mulheres tinha como fim a formação de senhoras que soubessem se portar em determinadas ocasiões sociais e também para sua maior missão de vida, considerado socialmente o ápice da vida de uma mulher: o casamento.

O desenvolvimento da imprensa feminina tem um potencial esclarecedor sobre qual natureza de conhecimento era reservado às mulheres, o que denuncia inclusive qual seria o fim de sua educação escolar. Júlia Lopes de Almeida contribuiu para a imprensa feminina brasileira e também para a imprensa comum, porém não foi a pioneira. Outras escritoras do gênero feminino anteriores a Almeida foram responsáveis pelo desenvolvimento da imprensa feminina, que se iniciou na segunda metade do século XIX. Estes jornais circularam sob a justificativa de conscientização da sociedade sobre os direitos da mulher, mas havia ainda a crença de que os ideais iluministas que circulavam na Europa iriam influenciar diretamente a sociedade brasileira rumo ao avanços de seus direitos sociais.

A partir da metade do século XIX, alguns jornais feministas circularam no Rio de Janeiro, entre eles o *Jornal das Senhoras*, editado por Joana Paula Manso de Noronha, que tinha como principal característica dar visão social aos direitos da mulher. Joana Paulo Manso de Noronha tinha, segundo Hahner (1981), uma tendência de “culpar os homens e o egoísmo

---

<sup>3</sup> Lei Geral de Instrução de 15 de outubro de 1827 promulgada por Dom Pedro I.

masculino pela condição desafortunada em que as mulheres se encontravam.” (1981, p.35). *O Jornal das Senhoras* criticava ainda o sentimento de propriedade que era dado às mulheres.

Em contrapartida, pelas análises do *Livro das Noivas*, havia uma defesa em relação à ampliação dos direitos da mulher no quesito educacional, porém não havia um movimento de julgamento dos homens como seus dominantes como também, não havia indícios claros da escrita de Almeida objetivando a mudança de atitudes patriarcais dos homens. Almeida dirigia sua linguagem para a conscientização das mulheres, pois estando mais conscientes de sua condição social, poderiam auxiliar o homem e não retirá-lo de sua posição de chefe da família e tutor da mulher.

Apesar dos primeiros periódicos feministas que circularam no Rio de Janeiro colocar o homem sobre a posição de opressor, Almeida afirma a natureza egoísta do homem no *Livro das Noivas*, mas legitimava em suas falas que a mulher deveria estar à sombra da proteção do homem quando diz que:

É preciso que nós, que somos, em força, comparáveis ao homem como a planta débil á árvore robusta, busquemos a sua sombra, não para o estiolar á custa da nossa vaidade, mas para dar-lhe maior gloria com a nossa pequenez e vivermos em paz na sua proteção ( ALMEIDA, 1926,p.52).

Almeida não rejeitava a posição de autoridade dos homens e nem os culpava como sendo seus dominadores. Possuía ainda um discurso sutil a respeito da participação da mulher na sociedade, um tipo de discurso que de início não desestabiliza o homem de sua posição de chefe da família. Talvez fossem estas características que teriam feito com que suas obras tivessem maior aceitação social e contribuído para maior circulação dos seus ideais.

Ao contrário de muitos escritos direcionados ao público feminino e comparando com os livros em estudo, podemos identificar que Almeida não tinha o objetivo de escrever para homens ou até mesmo fazer um movimento de conscientizá-los, mas sim conscientizar a mulher de que poderia exercer uma função mais útil dentro da sociedade e que pela educação a mulher poderia atuar melhor em sua missão de ser mãe e esposa. Este movimento de justificar a ampliação da educação feminina para que pudessem melhor educar seus filhos ganhou força social, e parafraseando com Hahner “Esta tarefa nobre de educar os filhos deu valor às mulheres” (1981, p. 38).

É importante considerar que as colaboradoras das produções feministas em periódicos normalmente eram oriundas de famílias proeminentes que tinham algum acesso a acervos

culturais e pertenciam a classes sociais elevadas. Esta constatação é devido ao fato de que na transição do período imperial para o republicano, pouquíssimas mulheres tinham acesso à educação de âmbito mais formal, sendo um bem cultural muito restrito. Outra questão que merece destaque é que muitas mulheres que exerciam papel de escritoras, utilizavam pseudônimos masculinos.

É possível que muitas destas escritoras tivessem autorização de seus pais ou esposos, nos fazendo concluir que mesmo ações intelectuais promovidas por mulheres passassem pelo julgo de uma autoridade masculina. As atividades reservadas às mulheres eram as domésticas e qualquer movimento intelectual poderia ser mal visto socialmente.

O início da imprensa feminina foi marcado principalmente pela defesa da ampliação de uma educação para as mulheres. Podemos perceber que a justificativa principal era a de que com a liberdade das mulheres em exercer atividades intelectuais, haveria o fortalecimento social da pátria brasileira. As mulheres exerceriam melhor seu papel de esposa e mãe, ou seja, uma boa educação lhe daria melhor aptidão no cumprimento de sua missão, e este ideal estava tão presente que podemos encontrar um reforço nas palavras da própria Júlia Lopes de Almeida no *Livro das Noivas*:

A Felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como esposas e mães, que a pátria supplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral. Com a educação superficialíssima que temos, não meditamos nisto, e levamos de contínuo a queixar – nos de que é nullo o papel que nos confiaram... Como poderíamos, todavia, encontrar outro mais amplo e mais sagrado (ALMEIDA, 1926, p.13).

Almeida afirma que pela educação superficial que a mulher possuía, não haveria como se estabelecer uma consciência feminina de seu papel social, demonstrando que a educação para a mulher era uma urgência. Nesta defesa de considerar a educação e sua ampliação como um benefício à família, se pode considerar que talvez buscasse a aprovação dos homens, além de justificar a própria importância da educação por si só.

Hahner (1981), afirma que em alguns periódicos brasileiros de cunho feminista, como o *Jornal das Senhoras* de 1852, empreenderam um movimento de valorização e reconhecimento da mulher. Os jornais foram eficazes veículos de persuasão utilizados. De maneira geral, o *Jornal das Senhoras*, queria conscientizar os homens de que a mulher era um ente social único, dotado de responsabilidades únicas e que deveria ser exaltada segundo a sua importância na sociedade. Utilizava inclusive tendências religiosas com o objetivo de elucidar sua proposta, como exemplo o papel da Virgem Maria na sociedade cristã, que permaneceu ao

lado de seu filho Jesus, o auxiliando. Todavia, o fato que mais contribuiu para dar visibilidade ao feminismo foi à defesa de uma educação ampliada para que mães pudessem educar seus filhos. Podemos considerar, então, que pela configuração de sociedade familiar da época de circulação do *Jornal das Senhoras*, a maneira mais eficaz de convencer os homens sobre a ampliação da educação feminina, pudesse estar na justificativa do potencial da mulher em dar a primeira educação aos filhos.

Ainda segundo Hahner (1981), o início da imprensa feminista que teve como principal uns dos pioneiros o *Jornal das Senhoras*, sofreu inúmeras implicações, que além da apatia dos homens em relação a qualquer movimento feito por mulheres, havia também um sentimento apático entre as próprias mulheres que estavam pouco habituadas aos ideários feministas e que também temiam em ser colaboradoras de textos para o jornal mesmo com a editora confirmando anonimato das colaboradoras. Houve também mulheres que receberam com grande entusiasmo, a possibilidade de colaborar nos *Jornal das Senhoras*, mas tratava-se de um grupo pequeno e culto da sociedade que em sua maioria pedia seu anonimato, inclusive colaboradoras de sessões mais aceitas socialmente como modas comprovando ser uma atividade considerada inadequada mesmo entre as mulheres.

Havia um tom moderado ao se tratar de uma educação para a mulher. Quando se defendia a liberdade da mulher em atuar em atividades intelectuais, havia como justificativa para tal concessão, a educação dos filhos, ou seja, elevar até mesmo a posição da mulher pela sua atuação de mãe, e não unicamente por considerar que a mulher poderia almejar atividades intelectuais e profissionais equivalentes aos homens. Não havia possibilidade de a mulher concorrer ou atuar profissionalmente com os homens.

Cabe analisar ainda se a imprensa feminista considerava as mulheres como entes especiais, com missões especiais na sociedade e se acreditavam que a educação seria uma forma da sociedade inteira se beneficiar ou se foi apenas um discurso utilizado com o fim de persuadir o público masculino, ou seja, cabem ainda análises mais apuradas para identificar se a linguagem era direcionada somente ao público feminino ou não. De fato, é difícil concluir até que ponto defender uma educação feminina para melhor desempenho de suas funções sociais de mãe e esposa é um ato que contribuiu para a maior liberdade da mulher ou para lapidar mais os meios de sua dominação. Bourdieu diz que “incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculinas” (BOURDIEU, 2002, p.6). O que nos leva a refletir sobre o fato de que em meados de 1850, era difícil qualquer exercício reflexivo que pudesse defender uma educação feminina sem o risco de estar reproduzindo uma ação de dominação masculina.

De fato, a imprensa feminista contribuiu fortemente para difundir ideais ainda novos para a sociedade brasileira, como uma tendência de alertar o público masculino sobre a potencialidade da mulher em dar a primeira educação aos filhos, além de aprimorar os conhecimentos das mulheres sobre a vida doméstica, pois assim, com a conquista destas primeiras reivindicações, as mulheres poderiam tornar viável almejar outras reivindicações ainda mais amplas, como uma futura aceitação da profissionalização da mulher.

A imprensa feminista tinha uma intenção de valorizar as ações da mulher, valorizando a sua atuação na sociedade para inclusive despertar nos homens uma exaltação de sua importância. Júlia Lopes em muitos momentos afirmava que a mulher tinha um lugar único na sociedade quando afirmou no *Livro das Noivas* “Foram para nós inventadas as dores mais cruéis, foram-nos confiadas as mais delicadas missões” (ALMEIDA, 1926, p.13). Sendo também uma forma de pensar a mulher como ente único, capaz de realizar funções únicas dentro da sociedade.

Já em finais do século XIX, a imprensa feminina já tinha uma forte expressão na difusão de informação no Rio de Janeiro e o aumento no número de jornais já era bastante notável. Revistas femininas já habitavam os círculos sociais, porém ainda reservadas ao público minoritário do Rio de Janeiro. Feministas perceberam os jornais como veículo potente para ampliar o conhecimento e informações para o público feminino, inclusive o de informar as mulheres sobre seus direitos a fim de sua própria defesa. Hahner (1981) pode nos ajudar a compreender esta questão por conseguir capturar o objetivo de uma educação feminina e o potencial da imprensa: “Com a educação, poderiam recuperar os direitos perdidos, criar seus filhos adequadamente, ter compreensão das finanças e dos negócios de suas famílias, e serem a companheira, não a escrava do marido” (HAHNER, 198, p.54).

A influência do iluminismo no aprimoramento do homem influenciou os ideais feministas. Alguns jornais do período inclusive não justificavam a educação para mulheres apenas para que pudesse melhor assumir seus deveres domésticos, mas já almejava carreiras antes reservadas aos homens, como conhecimentos na área da ciência. Um exemplo disto foi o jornal *O Sexo Feminino* de 1870 da editora feminista Francisca Senhorinha da Motta Diniz, que acreditava que a mulher poderia ter uma educação não somente para a sua defesa diante do mundo, como também teria direito de querer carreiras como os homens. Ao longo dos anos, a quantidade de mulheres brasileiras alfabetizadas aumentou consideravelmente, auxiliando a ampliação da imprensa. “A proporção de alfabetizados entre a população

feminina total do Rio de Janeiro, por exemplo, subiu de 29,3% em 1872 para 43,8% em 1890” (HAHNER, 1981, p.61).

O aumento no número de alfabetizados influenciou também o aumento de jornais feministas e o Rio de Janeiro foi o centro onde se desenvolveu este tipo de literatura. Os jornais ganhavam força em difusão de conhecimentos, inclusive os jornais feministas não tratavam apenas de questões emancipatórias da mulher, mas também continham assuntos referentes a moda e romances de folhetim. Surgiam também jornais femininos escritos por homens, porém estes abordavam assuntos referentes à moda, manejos diários com o lar e não fazia menção à ampliação dos direitos às mulheres, o que conferiu a estes jornais maior aceitação pelas famílias patriarcais, pois eram menos polêmicos.

Não há como desassociar a produção dos jornais feministas com as associações de mulheres que surgiam em seu conjunto. As associações também têm as mesmas características das leitoras de jornais feministas: que em geral eram mulheres pertencentes à classe alta, letrada e branca da sociedade brasileira. Há indícios de associações onde houve participação de mulheres desde a campanha abolicionista, onde atuaram como auxiliares dos homens na causa, porém participar de associações antes do início do século XX não era de fato um movimento fácil conferindo uma característica clandestina.

A partir do século XX houve maior abertura para este tipo de reunião onde as feministas podiam atuar como conferencistas. Júlia Lopes de Almeida participou de associações como a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino,<sup>4</sup> em 1922 que inclusive foi uma de maior destaque. Nos primeiros anos do século XX já há um aumento em produções de jornais que nem sempre tinham um cunho politizado em relação a mulher, mas tratava apenas de questões cotidianas como tendências de moda, entre outros.

A prática literária realizada por mulheres já não estava limitada aos jornais feministas, mas para a imprensa comum também. Júlia Lopes de Almeida foi exemplo desta condição. Escrevia também para a imprensa comum, mas seu foco de escrita foi para mulheres, mesmo com um tom mais moderado ao tratar de questões sobre os direitos da mulher. Abordava principalmente a educação formal às mulheres, porém colocava a família no centro de suas ações. Este tipo de literatura tornou-se inclusive mais popular, pois, de certa forma não retirava a posição legitimada do homem como o dominante.

---

<sup>4</sup> A Federação Brasileira pelo Progresso feminino foi criado em 1922 por um grupo de mulheres pertencentes a classe média a alta da sociedade e tinha como principal membro Bertha Lutz. O grupo tinha como principal objetivo promover a emancipação feminina através da educação formal.

A questão da emancipação da mulher ficou mais freqüente inclusive na literatura direcionada ao público do sexo masculino, que de forma geral, considerava que as mulheres não estariam aptas a atuar fora do lar, para que não pudessem colocar em risco seus aspectos morais. Segundo Hahner (1981), os homens: “Continuavam a argumentar a superioridade moral das mulheres, sua igualdade intelectual, mas inferioridade física e advogavam uma existência puramente doméstica para as mulheres” (HAHNER, 1921, p.90).

As discussões sobre a questão da mulher na sociedade ganhavam foco, inclusive a questão do voto feminino ganhava maior visibilidade, apesar de ser ainda um tema polemico de acordo com o contexto da época. As influencias estrangeiras do feminismo facilitavam a discussão também no Brasil já que situações políticas já experimentadas na Europa tinham um grau de confiabilidade pela elite brasileira e os valores vigentes eram apreendidos rapidamente pela sociedade brasileira.

Ao longo do século XX, a causa feminista ia ganhando força, sobretudo em países da Europa e Estados Unidos, e o Brasil não ficou imune às influências das ideologias de países mais liberais, e estas questões se refletiam principalmente na imprensa brasileira.

## CAPÍTULO II

### A BELLE ÉPOQUE BRASILEIRA E A MULHER COMO AGENTE HISTÓRICO

#### 2.1 As Transformações sociais e a mulher como elemento de educação.

A partir de 1870, eclodiram no cenário brasileiro, muitos movimentos intelectuais que, influenciados pela cultura iluminista europeia, buscavam principalmente através de a literatura reforçar os ideais democráticos no Brasil, como a abolição dos escravos, a instauração da República e a democracia. A Europa era o parâmetro de sociedade a ser seguido, e para que o Brasil pudesse sair da condição de atraso e trilhar a civilização, se fazia importante difundir os ideários liberais para se moldar a estrutura política brasileira. Para isso, identificavam a literatura como um dos canais para alcançar tal objetivo.

Muitos intelectuais brasileiros criticavam a estagnação cultural e científica do Brasil, e se responsabilizavam pela difusão dos ideários democráticos para o país sair da condição de atraso em que se encontrava. O progresso dos setores sociais europeus e sua modernização eram definidas como o resultado de suas ampliações democráticas e serviam como pano de fundo para traçar no Brasil a “elevação do nível cultural e material da população” (SEVCENKCO, 2009, p.79).

Ainda segundo Sevcenko (2009) os intelectuais brasileiros assumiram a missão de fazer chegar ao Brasil a consciência política para o bem social, levando a comunhão dos ideários europeus para a construção de um saber próprio engajado para a estruturação da sociedade brasileira. O Rio de Janeiro pode ser compreendido como palco cosmopolita, onde se daria a entrada destes ideários europeus para depois serem seguidos pelo restante do país e nesta atmosfera, estavam os intelectuais engajados numa missão política de atuar na formação intelectual do povo, além de despertar o sentimento nacionalista da população.

Os intelectuais brasileiros se portavam diante da sociedade como os responsáveis em difundir através da literatura, a conscientização da população sobre a necessidade de progresso social, acreditando que a formação de uma nova nação precisava seguir um percurso correto que seria da elevação cultural e intelectual, e que talvez estivesse nas

produções intelectuais e a ampliação da educação, o caminho para a modernização da “estrutura social e política do país” (SEVCENKO, 2009 p 103 ).

Acreditava-se nesta vertente devido aos exemplos de progresso por processos intelectuais experimentados pela Europa e pelos Estados Unidos, daí o motivo destes ideários habitarem também os pensadores brasileiros. A necessidade de se formar uma nação forte era vista como urgente e seu planejamento recebeu influências européias diretas, principalmente pela égide do liberalismo e cientificismo que deram características básicas à *Belle Époque* brasileira. As questões higienistas podem ser consideradas como exemplo de uma literatura científica que habitou as políticas sanitárias. A literatura tinha o papel de educar a população a adquirir hábitos higiênicos.

Os avanços da ciência, sobretudo os já experimentados na Europa, faziam parte também da realidade brasileira, pois era necessário conter as epidemias que assolavam o solo brasileiro. O Cientificismo europeu de Spencer<sup>5</sup> era fonte de inspiração para a escrita de Júlia Lopes de Almeida que colocava a mulher no local do cuidar da família, e este cuidar exigia uma atualização diante dos preceitos científicos e também morais, que seria permitida através da educação.

Apesar de acontecimentos importantes como a Abolição da escravidão, em 1888 e da Proclamação da República, em 1889 terem se concretizado na esfera política não solucionou os problemas sociais apontados pelos intelectuais brasileiros que tinham o objetivo de apagar as estruturas políticas do Império, e estabelecer uma democracia republicana. A Primeira República, por exemplo, foi uma decepção para os intelectuais devido à forma desorganizada que foi instaurada e, posteriormente, administrada já que passou por sucessivas crises levando ao descrédito da população. O que acreditavam ser o início de um movimento de transformação social pela democracia, se tornou uma crise de desvalorização das produções artísticas e intelectuais, já que desmotivados pela conjuntura política, os intelectuais viam a impotência na literatura como ato político, momento este considerado de “imbecilidade triunfante” segundo afirmou Euclides da Cunha (CUNHA *apud* SEVCENKO,2009, p.88).

Outro motivo de frustração do grupo de intelectuais era que a literatura possuía um baixíssimo acesso da população devido sua própria composição, já que a grande maioria era de analfabetos, tornando a literatura uma ferramenta de pouca eficácia no processo de

---

<sup>5</sup> Hebert Spencer, filósofo que abordava questões sociais e também científicas.

transformação social. Não havia ainda uma indústria literária e a maioria não podia ter seu sustento através da profissão literária e então tinham outros ofícios, fragilizando assim o movimento de produção intelectual brasileira.

O Rio de Janeiro foi o lugar onde ocorria a maioria das produções literárias brasileiras. É fato que estas transformações não trouxeram as mudanças imediatas, mas o crescimento da cidade ocorreu e foi basicamente o único a oportunizar “empregos para os homens de letras” (Sevcenko,2009, p. 93) e, a inauguração da Academia Brasileira, em 1897, deu ênfase favorável para o desenvolvimento da literatura, em comparação com outros estados brasileiros.

O desenvolvimento do jornalismo marcou a cultura no Rio de Janeiro. Com edições mais simples e baratas, jornais e revistas tiveram uma maior circulação entre a classe letrada da sociedade, e os intelectuais que atuavam nos jornais percebendo um maior acesso da sociedade a estes jornais e revistas começaram a pregar a importância da alfabetização para outras classes sociais. O progresso de um país exigia a participação de todas as classes sociais, e a alfabetização somente da classe abastada não permitia todo o avanço político-social pensado na instauração da república.

Com uma maior circulação de jornais e revistas na sociedade brasileira, ocorreu mudanças no cenário cultural e no comportamento do público. As mulheres tinham um maior acesso às revistas de moda, e “O ideal romântico feminino anterior do poeta inquieto e talentoso, como parceiro amoroso, é substituído pelo moço elegante e ricamente trajado” (Sevcenko,2009, p.96) mostrando como as revistas ditavam a moda, dando origem a uma nova forma de status e um padrão a ser seguido. A produção literária passou a fazer parte da rotina do público letrado “acostumando-o ao seu consumo e à sua interferência disciplinadora nos menores particulares de suas vidas” (SEVCENKO, 2009, p.104). A literatura tornava-se uma ferramenta de direcionamento de opiniões.

As mulheres de classe média tinham maior acesso à literatura, principalmente as que lhes eram direcionadas, que além de assuntos sobre a moda, abordavam questões como os cuidados com o lar, receitas culinárias e cuidados com os filhos. Os grupos intelectuais preocupados em despertar uma consciência nacionalista, propagavam que as ações da mulher em sua casa, como educadoras poderiam ser formas de contribuição para com a sua pátria já que poderiam formar bons cidadãos, como se confirma a fala de Júlia Lopes de Almeida: “É a

nós, como mães, que a pátria supplica bons cidadãos;” (1926, p.13). Eclodiu também a literatura para mulheres, que tinham como função educá-las, tornando o ato de ler necessário também para as moças. Não podiam ler sobre qualquer assunto, mas sim, poderiam ler para que pudessem ser úteis para a família.

Júlia Lopes se situou em um cenário político brasileiro de grande transformação e de grande instabilidade política. A literatura da época estava totalmente interligada também como ato político, e atuar através de processos instáveis que eram pelo qual o Brasil enfrentava, era de fato um desafio. Júlia Lopes de Almeida se lançou neste contexto e também o vivenciou, e esta sua vivência se tornou uma de suas marcas de escrita, marcas estas apresentadas na defesa da importância da educação, principalmente do ato de ler executado por mulheres; a divulgação de saberes higiênicos na melhoria do dia a dia do lar, e o principal, que era o sentimento de formação de uma nação.

## **2.2 O Livro das Noivas e Donas e Donzelas como literatura voltada para a educação feminina.**

*O Livro das Noivas e o Livro das Donas e Donzelas* podem ser identificados como reflexos de mudanças na sociedade brasileira que no período do lançamento dos livros, também passava pela recente fase de transição política do Império para a República, porém no caso dos livros, a ênfase era sobre na questão das mulheres diante de uma pátria recentemente configurada.

Os ideários iluministas europeus influenciavam cada vez mais o Brasil do início do século XX em vários aspectos e a educação para as mulheres não estava neutra. Com o desenvolvimento da imprensa feminina além da ampliação da educação para as meninas, se deu início a produções de saberes necessários para serem executados por uma mulher e diante desse movimento, surgia Júlia Lopes de Almeida, que em dois de muitos de seus livros publicados, há exemplos que evidenciam a concepção de uma educação feminina.

O primeiro livro com ênfase em orientações femininas foi o *Livro das Noivas*, inclusive os capítulos do livro seguem uma lógica idealizada das etapas da vida de uma mulher, iniciando pelo casamento e indo a diante com os cuidados com o lar, orientações do viver a dois e no trato com os filhos. O livro aprimora os deveres sociais das mulheres, porém com algumas diferenças, pois não tinha apenas as etapas descritivas de como realizar serviços

domésticos, mas sim a presença de uma justificativa moral com o propósito de convencer as leitoras de que as mulheres devem ser edificadas quando executam suas funções e cumprem seus deveres para com a suas famílias.

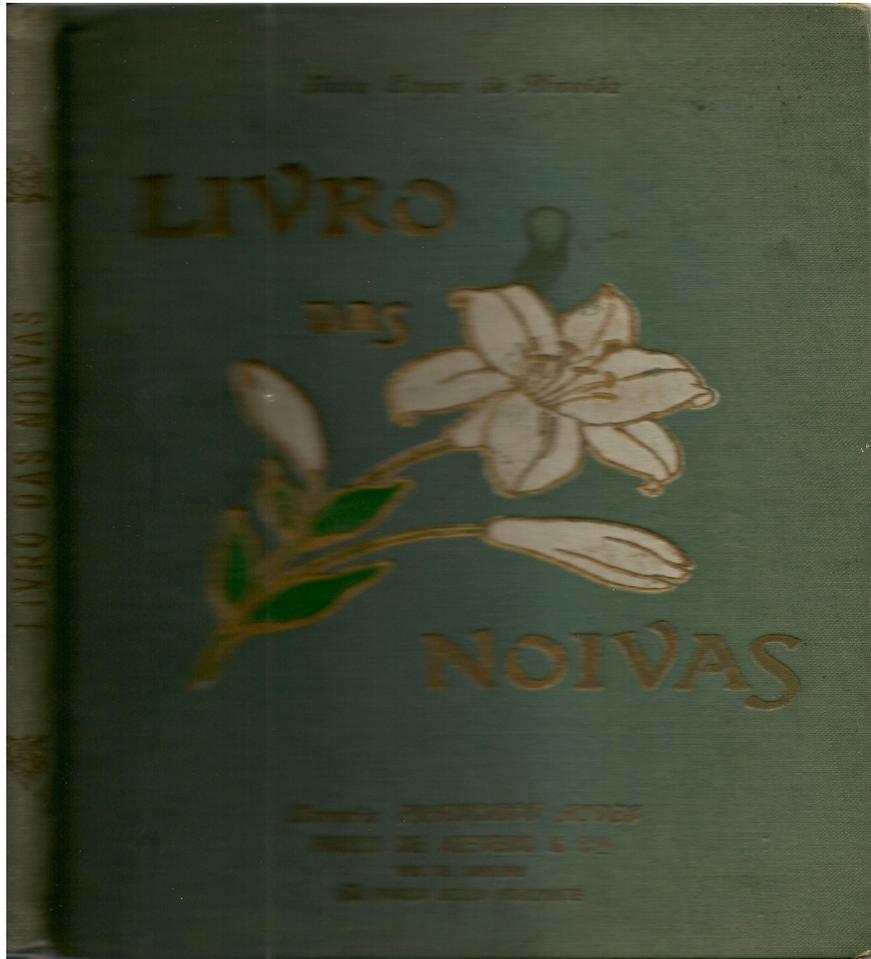


Figura 2. Capa do Livro das Noivas.

Fonte: ALMEIDA, Júlia, 1926.

O *Livro das Noivas* e o *Livro das Donas e Donzelas* podem ser considerados como reflexos ideológicos da mulher brasileira, inclusive legitimando a mulher como um ente capaz de executar funções únicas na sociedade que segundo Júlia Lopes de Almeida, envolvia mais do que ser uma esposa e mãe, mas um ser educado para percorrer um caminho mais útil socialmente e, assim, beneficiar toda a família. Concepção contrária à crença de que a mulher não precisar ter uma educação para a execução de seu papel social.

O *Livro das Noivas* possui dedicatória a Filinto de Almeida, esposo de Júlia Lopes de Almeida, e a dedicatória já nos permite fazer um importante apontamento.

Lês na minha alma como em um livro aberto. Não tenho pensamentos que não te comunique, desejo ou sonho que te não exprima. Ninguém, pois, melhor que tu, conhecerá a sinceridade d'estas páginas singelas, onde de vez em quando os nossos filhos aparecem, e que te entrego, certa de que serão queridas ao teu coração. Não te dou um livro literário, mas dou-te um livro sentido, a que segredei todas as minhas alegrias e tristezas (ALMEIDA, 1926, p.5).

Percebemos, portanto, que pela dedicatória há uma referencia autobiográfica, tornando o *Livro das Noivas* uma fonte reveladora sobre a concepção de educação feminina nos finais do século XIX. Almeida pertencia ao gênero feminino, independentemente de ser escritora e ter acesso a bens culturais restritos à maioria das mulheres, estava também inserida em um campo social de submissão social da mulher.

O *Livro das Noivas* e o *Livro das Donas e Donzelas* foram editados pela Livraria Francisco Alves e Cia, sendo suas primeiras edições em 1896 e 1906 respectivamente. Os dois livros são organizados de formas distintas. O *Livro das Noivas* possui seus capítulos divididos em três partes, na primeira parte, são feitas abordagens que de forma geral, buscam a preparação de uma boa esposa. A segunda parte refere-se à mulher como dona de casa, com orientações de arrumação de salas, cozinhas, tratamento com os criados, e higiene do lar e a terceira parte há ênfase na maternidade e na educação dos filhos. Percebemos, portanto, que na divisão dos capítulos, há talvez uma comparação com o que seriam consideradas as três principais etapas da vida da mulher, que na ordem estavam: o noivado, ser esposa e dona de casa, e em seguida, a maternidade.

O *Livro das Donas e Donzelas* tem como característica a reunião de crônicas de assuntos diversos divididos por capítulos, a linguagem é voltada ao público feminino, pois são tratados de assuntos pertinentes a este público, havendo destaque para alguns capítulos como o Vestuário Feminino, A arte de envelhecer, A mulher Brasileira, Formalidades, Arte Culinária, entre outros.

O *Livro das Noivas*, denominado pela própria autora como um livro não literário, possui uma característica de manual educativo com saberes julgados como necessários para as mulheres, principalmente para as que ainda não havia se casado o que se constata ao analisar o próprio título do livro. Seu primeiro capítulo é denominado como “O dia do casamento”, que faz referencia a então considerada a primeira etapa da vida adulta de uma mulher. Escrita de maneira poética, Júlia aborda a questão onde busca descrever o sentimento de uma noiva no dia de seu casamento, com a presença de supostos conselhos de um pai e de uma mãe encorajando-a a seguir a etapa pela qual se preparou durante toda a sua vida. O capítulo é

dotado de exortações morais a respeito do casamento.

Identifica-se o casamento como um movimento de transição da vida de uma mulher, onde deixa de estar sob o julgo do pai para estar sob o julgo do marido, ou seja, há a troca de sua “tutela” que passa do pai para o esposo. É ainda a etapa onde se deve deixar de ser a filha para seguir o marido como sendo está a sua missão. Esta questão aparece no capítulo, *O dia do casamento*, como um conselho que uma mãe daria a sua filha: “D’aqui a algumas horas serás de teu marido; o meu egoísmo não bastará para reter-te em meus braços... vae, segue-o até onde ele quiser levar-te, é o teu dever... e a minha mágua!” (ALMEIDA, 1929, p. 12 ).

Há também nos *Livros das Noivas* uma forte ênfase na idealização do casamento. A mulher aparece como aquela que esperou durante a vida de solteira o momento de tomar posse da sua função social de esposa. Função esta vista como a única pela qual uma mulher poderia almejar sem risco de restrições sociais, como evidencia Almeida (1926, p.11): “Se realiza o sonho amada da sua mocidade, unindo-se áquelle que escolheu como o mais perfeito e o melhor dos homens [...]”.



Figura 3: Imagem referindo-se ao dia do casamento.

Fonte: ALMEIDA, Júlia, 1926, p.12.

O casamento poderia ser considerado como um acontecimento cultural de ascensão

social da mulher, comparado ao início da sua própria vida, como afirma Almeida (1926, p.11), “A vida começa hoje para ti; até agora foi um sonho, nada mais” e para iniciar na vida de esposa e, posteriormente, a de mãe, se fazia necessário dominar saberes para esta prática, desenvolvendo então uma educação voltada para as mulheres.

O sentimento de devoção ao marido, a responsabilidade da mulher em ser a mantedora da harmonia do lar e também de ser um exemplo de moral para a sociedade e para os filhos, foram elementos evocados na formação cultural das mulheres. No Brasil, após a Proclamação da República, o sentimento de formação de uma identidade nacional estava presente também como um ideal feminino e era incompatível com a educação superficial que a mulher recebia fazendo-nos concluir que, havia uma crítica sobre a educação que inviabilizava a mulher de refletir sobre a sua importância social mesmo como esposa e mãe. Ainda não havia uma proposta educativa com tendência emancipatória, mas sim o início de um processo educativo que pudesse conscientizar a mulher sobre a sua função, atuando inclusive para que as atividades femininas tivessem uma valorização social. Em comunhão com estes ideários, Almeida afirmava que a mulher entraria mais ciente no casamento, e iria ter uma ação reflexiva sobre a importância de sua função social caso lhe fosse oportunizada uma educação mais sólida.

Podemos também analisar que Almeida talvez colocasse em questão a própria educação feminina, sugerindo um percurso mais útil da mulher na sociedade, o que para o contexto da época, podia ser considerado como um ato inovador. Almeida inclusive já buscava conscientizar suas leitoras a não viverem somente do sentimento, mas que a mulher buscasse ser útil para sua família a favor da própria pátria, quando inclusive afirma: “Não te resignes a ser em tua casa um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a lucta, para o amor e para o triumpho do mundo inteiro!” (ALMEIDA, 1926, p.13).

Também é presente no *Livro das Noivas* um discurso em prosa de como a mulher deveria atuar afetivamente junto ao marido. Está deveria defender uma educação que levasse às futuras esposas a compreenderem sua função. Criticava a consciência das mulheres de sua época que julgavam seu papel social como indigno e pleno executor de tarefas domésticas, desprovido de qualquer movimento reflexivo de sua atividade. Júlia enfatizava ainda que se a mulher tivesse consciência da sua importância social iria desempenhar melhor a sua função de mulher e que o casamento seria o marco inicial de sua missão. Segundo Almeida:

[...] a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável,

útil, bôa, para satisfazer uma necessidade moral ou intellectual do esposo e da família, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou. A educação deve fazer comprehender bem isto ( ALMEIDA, 1926, p. 29).

Sobre o convívio marital, havia o aconselhamento de que a mulher deveria estar sempre ao lado do marido e reconhece-lo como o chefe da família para a própria segurança feminina: “[...] do lado do homem, o mais forte, o responsável, o chefe, é que deve estar, mesmo para alegria e conforto da nossa alma, a superioridade intellectual.” (ALMEIDA, 1926, p.49).

Desta maneira, podemos perceber como a dominação cultural masculina estava presente no imaginário feminino de obtenção de proteção, além do reconhecimento do papel coadjuvante da mulher no cenário social e familiar, como podemos perceber na afirmação de Almeida a seguir:

É preciso que nós, que somos, em força, comparáveis ao homem como a planta débil à arvore robusta, busquemos a sua sombra, não para o estiolar à custa da nossa vaidade, mas para dar-lhe maior glória com a nossa pequenez e vivermos em paz na sua proteção ( ALMEIDA, 1926, p. 52).

Portanto, o Livro das Noivas propunha uma orientação feminina não estabelecendo uma relação de competição entre homens e mulheres, mas propondo que a mulher se conscientizasse da importância de sua condição feminina e de sua responsabilidade social.

## CAPÍTULO III

### OS LIVROS DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA COMO POTÊNCIA NA DIFUSÃO DE SABERES EM DEFESA DE UMA EDUCAÇÃO FEMININA.

#### 3.1 A educação feminina e o seu fim.

Historicamente as atividades executadas entre homens e mulheres são distintas, o que resultou também em uma diferença na ação educativa entre eles. Segundo Bourdieu (2002, p.8): “A divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas” (...) funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação”. Culturalmente para as mulheres, foi imprescindível a aquisição de conhecimentos de âmbito doméstico, enquanto que para os homens, era reservado um campo mais amplo e profissional, muito distinto do feminino, porém no *Livro das Noivas* e o no *Livro das Donas e Donzelas*, começamos a perceber uma tendência de uma defesa da ampliação da educação das mulheres, que não visasse apenas conhecimentos domésticos, e sim a ampliação do campo de atuação social feminino.

O tema educação pelo qual Júlia aborda é amplo e inclui desde a necessidade da educação da mulher do seu tempo como também enfatiza a necessidade da mãe ser a principal educadora dos filhos. Apesar de haver relatos de sua defesa de uma educação profissional para as mulheres ao longo de sua biografia, seu foco de discurso no *Livro das Noivas* refere-se a uma educação formal da mulher para um melhor desempenho de sua função social de esposa e mãe.

É notória a defesa de Júlia na ampliação da educação feminina, porém sempre acompanhada de uma justificativa para tal atividade, e a justificativa que predomina é a de uma educação que possa obter valores positivos no âmbito familiar já que há a defesa de que os filhos, por exemplo, possam receber a primeira educação formal através da própria mãe e inclusive lamenta a educação superficial pela qual são oferecidas as mulheres conforme podemos perceber:

É um encargo esse que nenhuma mãe deveria declinar de si – o estudo dos filhos! ao menos os primeiros passos: leitura, escripta, contas, um pouco de geographia e de desenho. Já não fallo em outras matérias, como geometria, línguas,etc.,porque desgraçadamente a nossa instrucção é em geral de uma pobreza pasmosa e não permitiria acompanhar até mais longe o estudo de

uma criança, nem dirigil-o convenientemente ( ALMEIDA, 1926, p.200).

Júlia atribui à mãe a missão de educar os filhos, também formalmente, com a introdução das primeiras lições. Segundo Almeida: “Nenhum mestre pode ser mais insinuante, mais querido, mais doce, mais persuasivo, do que a mãe! (ALMEIDA, 1926, p.201). É possível que Júlia não atribua a necessidade do estudo para as mulheres unicamente para a educação dos filhos, mas este elemento se apresenta como presente e mais persuasivo em seu discurso, como a seguir podemos observar “E é principalmente esta missão que deve induzir todas as moças a ler e a estudar com atenção. Aprender para ensinar, com intelligencia, alegremente, maternalmente!”(ALMEIDA, 1926, p.201). Utilizando discursos sobre as possibilidades educativas proporcionadas pelas mães, Almeida talvez tivesse apontando uma justificativa viável de defender uma educação formal para as moças. A autora utiliza um discurso de críticas sobre a educação dirigida às mulheres como um fator de impossibilidade de promover uma melhor instrução aos filhos, quando afirma que:

A nossa educação superficial, essencialmente decorativa, não nos permite decerto responder a todas as perguntas curiosas dos pequeninos a quem temos o dever indeclinável de guiar. Ah! a nossa desgraça! (...) e nós, a quem isso não foi ensinado, ficamos envergonhadas, humilhadas com um profundo desgosto de nós mesmas (ALMEIDA, 1926, p.201).

Júlia ainda descreve a instrução que era promovida para as meninas de forma crítica, pois julgava esta instrução como ineficaz na capacitação das mulheres em executar suas funções educadoras e nos faz concluir mais uma vez que não havia a dissociação de atividades intelectuais femininas do âmbito familiar.

Sem consultar vocações nem vontades, exige-se, em geral, que todas as moças toquem piano, cantem, saibam fazer sala e fallar francez (...) Não nos passa pela idea que uma senhora se possa dedicar a um estudo serio e ponderoso, no doce recolhimento do seu gabinete, com o mero intuito de transmittir um dia aos filhos as suas observações e os seus trabalhos, dando-lhes uma educação despretençiosa e sólida ( ALMEIDA, 1926, p 202).

Apesar de não haver uma autonomia onde as mulheres pudessem almejar alguma carreira profissional os estudos mais formais que eram permitidos eram destinados para ações educativas dentro da família, já faziam parte de ideais considerados como inovadores e Almeida colaborava na difusão destes ideais em sua literatura, nos fazendo pensar que seu discurso era bastante inteligente, pois abordando o assunto em tom moderado, estes ideais

poderiam se introduzir em hábitos familiares e às mudanças poderiam ocorrer sem muitas polêmicas.

Almeida descreve como a ampliação da educação e do letramento para as mulheres seria importante para benefício da família. Cada vez mais a literatura lançava manuais dirigidos para um público feminino com descrições do cuidado com a família, filhos e, sobretudo com a orientação de uma educação formal oferecida pela mãe aos filhos. Conforme Almeida menciona no *Livro das Donas e Donzelas*: “Há certos livros de educação e de higiene que acho indispensáveis numa biblioteca de senhoras. As mulheres salvarão pelo amor o que os homens estragam por desídia” (ALMEIDA, 1906, p.22).

Percebe-se que tanto no *Livro das Noivas* quanto o *Livro das Donas e Donzelas*, há uma atribuição de ações que deveriam cada vez mais ser desenvolvidas pelas mulheres. Estas questões podem ter relações diretas com um movimento de valorização da mulher na sociedade, a considerando como um ente social indispensável. Há de fato uma defesa da aproximação da mulher com atividades educativas cada vez mais formais, mesmo que fosse pela importante missão de educar aos próprios filhos como é também mencionado a seguir:

É um erro pensar que, hoje, o ensino deve ser ministrado como há cinquenta anos e entregar os nossos rapazes aos nossos colégios atrofiadores. Há tempos enviei um livro a minha filha: L'Education nouvelle, de Edmond Demoulin. Pois os meus netos já lucraram alguma coisa com a leitura da mãe. O livro é uma exposição claríssima da Escola moderna, prática, que trata de aperfeiçoar ao mesmo tempo o corpo e o espírito dos rapazes (ALMEIDA, 1906, p.23).

É importante considerar que Almeida defendia profissões exercidas por mulheres, não para que a pudessem satisfazer a um anseio pessoal de ter uma profissão, mas em casos de necessidade como a perda do cônjuge. Sua preocupação com a situação de dependência financeira da mulher pode ser percebida em alguns de seus discursos e até cogitava a possibilidade de mudanças de atitudes em relação à educação das meninas, que deveriam ser preparadas para as adversidades da vida, conforme afirma:

Convenci-me hoje de que todas as mulheres devem ter uma profissão. Conheço duas senhoras desgraçadas. Uma ficou orphan e outra viúva, e nenhuma está habilitada a bem ganhar a vida. Lembrei-lhes o commercio. Não sabem contabilidade. Lembrei-lhes a typographia, a telegraphia, a gravura, a pharmacia, mas de que expedientes se hão de valer para sustentar a família enquanto estudem? Este exemplo fez-me tremer. Se eu tiver filhas...por Deus! Que hei de preparal-as para poderem vencer estas dificuldades! (ALMEIDA, 1926, p. 128).

O risco iminente das famílias, principalmente as de classe abastadas perderem seu chefe, sendo pai ou marido, seja por motivos de morte ou outros como abandonos, davam força ao discurso de defesa da profissionalização das mulheres para sua defesa financeira. Eram discursos defendidos por feministas mesmo antes da circulação do *Livro das Noivas* e do *Livro das Donas e Donzelas*, como podemos analisar em um jornal feminista denominado o *Sexo Feminino* de D. Francisca S.da Motta Diniz, que circulou no Rio de Janeiro em 1873:

Em vez dos paes de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinhar, varrer a casa etc.,etc., manda-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da língua nacional perfeitamente, e depois economia e medicina domestica, a puericultura, a litteratura ( ao menos a nacional e portugueza ), a philosophia, a historia natural (...) estas meninas assim educadas não dirão quando moças estas tristes palavras: Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim !!! (DINIZ *apud* HAHNER, 1981, p.47).

Há muitos alertas no discurso de Almeida sobre a necessidade das mães educarem suas filhas para eventualidades dos futuros, pois de forma geral, as mulheres eram muito dependentes financeiramente dos pais ou maridos, e a possibilidade da perda do seu sustento, deveria fazer parte de uma educação feminina, com o fim de prepará-las para as adversidades da vida, e até mesmo para o trabalho feminino conforme podemos observar:

Deveria haver um livro, a sciencia da vida, que ensinasse a toda a gente, sem excepção de fortuna ou de classe, a maneira de saber ser pobre (...) E esse livro, consolador e amargo, os paes o dariam à sua filha como um dote providente e útil.(ALMEIDA, 1926, p.15).

Segundo Almeida, as meninas deveriam ser educadas para iniciarem a vida de esposas e mães e preparadas para possíveis eventualidades, como a perda do chefe da família e neste caso, as moças deveriam ser preparadas para trabalhar na subsistência familiar, pois Almeida afirmava que assim, “se o braço do marido fraqueasse, e lhe faltasse subitamente o conforto habitual, em vez de lamentações, queixas e ralhos, ella daria aos filhos o bello exemplo da resignação e do trabalho” (ALMEIDA, 1926, p.16).

Percebe-se que a autora defendia a mulher brasileira e seus esforços sendo eles como esposa e mães ou como intelectuais. No capítulo *A mulher brasileira* do *Livro das Donas e Donzelas*, Almeida aborda a visão que os europeus tinham da mulher brasileira, que era “para o amor e a idolatria dos homens, sendo para tudo mais o protótipo da nulidade” (ALMEIDA,

1906, p. 9). Segundo a autora, esta visão tinha um sentido errôneo, pois segundo ela, a mulher brasileira era submetida aos mais variados sacrifícios em favor da sua família e não se acomodava as diversas situações pelas quais poderiam ocorrer devido a sua própria condição de dependência dos homens e enfatiza tal situação nas seguintes afirmações:

Apesar da antipatia do homem pela mulher intelectual, que ele agride e ridiculariza, a brasileira de hoje procura enriquecer a sua inteligência freqüentando cursos que lhe ilustrem o espírito e lhe proporcionem um escudo para a vida, tão sujeita a mutabilidades (...) Se uma mulher brasileira, (se há exceções? há-as de certo!) cai de uma posição ornamental em outra humilde, é de rosto descoberto que dia procura trabalho então vai ser costureira, mestra, tipógrafa, telegrafista, aia, qualquer coisa, conforme a educação recebida, ou o ambiente em que vive... (ALMEIDA, 1906, p.9).

A ampliação da educação para as mulheres e até mesmo a sua profissionalização já eram abordados por Almeida e faziam parte de um discurso inovador. Ainda que a educação para as mulheres não tivesse como característica o cumprimento de uma satisfação individual, havia o exercício de conscientização de que a mulher poderia exercer um papel familiar mais amplo e evolutivo. Almeida ainda de forma bastante inteligente, não faz nenhuma ruptura do lugar social do homem como o dominante o que não causava um repúdio das famílias em relação aos seus livros que repercutiam de forma positiva devido ao número elevado de suas edições, mas dava abertura para que as possibilidades do exercício das mulheres pudessem discutidas socialmente, o que tornava sua literatura uma forma de fazer o feminismo.

Podemos destacar que Almeida exerceu o feminismo sem utilizar discursos considerados agressivos para o contexto da época. De acordo com o *Livro das Donas e Donzelas*, era muito comum as feministas utilizarem discursos mais intensos e modos peculiares de se vestir, porém Almeida foi uma crítica deste estereotipo de feminista, nos fornecendo mais um elemento para pensarmos o quanto seu discurso era sutil ao se tratar das questões da mulher na sociedade, conforme podemos observar:

É uma esquisitice muito comum entre senhoras intelectuais, envergarem paletó, colete e colarinho de homem, ao apresentarem-se em público, procurando confundir-se, no aspecto físico, com os homens, como se lhes não bastassem as aproximações igualitárias do espírito. ( ALMEIDA, 1906, p.6)

Almeida se contrapõe a um modelo feminista estereotipado, inclusive defendendo que

as mulheres engajadas politicamente deveriam ser naturalmente femininas, pois segundo Almeida: “Esse desdém da mulher pela mulher faz pensar que: ou as doutoras julgam, como os homens, que a mentalidade da mulher é inferior, e que, sendo elas exceção da grande regra, pertencem mais ao sexo forte, do que do nosso, fragílimo” (ALMEIDA, 1906, p.6). Desta forma, identificamos que Almeida possuía uma forma peculiar de defesa dos direitos da mulher, onde optava por um tom moderado em suas declarações.

### 3.2 O Livro das Noivas e suas lições sobre higiene.

Questões sobre a higiene aparecem em alguns capítulos do *Livro das Noivas* e não se separam nos aconselhamentos de como administrar o cuidado com os filhos e os da casa. O período da Primeira República foi palco de grandes problemas sociais e as epidemias eram muito frequentes, entre elas a varíola, mas conhecida como “bexiga”.

Ao longo de seu manual, Almeida faz recomendações sobre atitudes higiênicas como o cuidado com as roupas, com a desinfecção do lar e o cuidado com as crianças que eram inclusive saberes necessários de uma boa dona de casa, mãe e esposa. As descobertas médicas de manutenção da saúde estavam cada vez mais acessíveis às famílias e eram naturalmente apreendidas e executadas, atribuindo a ação do cuidar às mulheres.

No que se referiam as roupas, podemos destacar que Almeida aconselhava sobre a escolha de lavadeiras, ou seja, que dessem sempre prioridade para as lavadeiras localizadas em campos e não em locais restritos da cidade, pois acreditava que as lavadeiras da cidade tinham maior privação higiênica:

Detestei sempre as roupas lavadas em tanques e nas tinas dos cortiços(...) Allí, como o mesmo sabão e na mesma água as lavadeiras misturam a roupa de toda gente, sem distinção, extendendo-a depois a secar sobre pedras ou sobre zinco, em um ar viciado e doentio. À noite recolhem e o guardam a roupa no mesmo quarto em que dormem com a filharada, entre o amontoado dos trastes e dos trapos (ALMEIDA, 1926, p. 20).

Almeida aconselhava ainda sobre a limpeza dos quintais onde deveriam estar às roupas no momento de secagem, orientando sobre a importância de não haver resíduos de lixo e materiais orgânicos, pois conforme afirmava: “Conheço um médico que afirma serem muitas vezes provenientes dos quintaes as moléstias das crianças” (ALMEIDA, 1896, p.21).

Outra demonstração da legitimação do dever da mulher no cuidar é o capítulo *Os Doentes* que se refere ao trato com doentes, Almeida enfatizava o dom da mulher do cuidar, indicando que era um ser de paciência e bondade: “Dizem que não há quem saiba ageitar tão bem os travesseiros a um doente como as mulheres (...) porque sendo muito mais carinhosas que os homens, são mais que eles prontas para o sacrifício” (ALMEIDA, 1926, p. 31).

O capítulo “Os doentes” do *Livro das Noivas*, é dotado de elementos descritivos de como executar com higiene e cuidado o trato com os doentes, que além de abordar de forma moral sobre a necessidade da mulher reunir habilidades para desempenhar sua função natural do cuidar, pois para Almeida, ninguém melhor que a mulher tem: “habilidade para desenrugar ou mudar os lençóis sem mover muito o corpo do enfermo, arejar convenientemente o quarto, desinfetar-o e arrumar-o.” (ALMEIDA, 1906, p. 32)

No capítulo *A cozinha*, Almeida aborda que deveria haver a exigência de diploma para cozinheiros, como por exemplo, é exigido do médico, pois afirma que ambas as profissões interferem na saúde dos indivíduos. Justifica também que um cozinheiro mais qualificado teria maior noção de higiene, garantindo a saúde de todos. Há também a tendência sobre a necessidade de uma educação qualificada para a execução de um ofício: “E nós, que exigimos de um médico o diploma que nos garanta a autenticidade do seu officio, porque não o exigíamos do cozinheiro, quando de ambos pode depender, e evidentemente depende, a nossa saúde?” (ALMEIDA, 1926, p. 96).

Vale ressaltar que no capítulo *A cozinha* tem como tema de maior abordagem a higiene e a necessidade da mulher brasileira em garantir uma cozinha ideal conforme podemos concluir após esta afirmação: “Somos, na maior parte, umas inúteis donas de casa! É tempo de nos convenceremos que a cozinha deve, muito especialmente, merecer o nosso zelo, a nossa mais escrupulosa atenção” (ALMEIDA, 1926, p. 97). Há a orientação para quem possuir maiores recursos financeiros aderir ao fogão a gás, considerado como mais higiênico e a educação das cozinheiras que devem ser atualizadas com aconselhamentos higiênicos.

No capítulo *Notas de uma mènagère*, há outras recomendações higiênicas de Almeida, como o extremo cuidado com a desinfecção de casas quando há a pretensão de se mudar. Há orientações sobre o tipo de habitação ideal e de como deve ser executada a limpeza da casa antes da mudança conforme se pode observar:

Procura habitação arejada, clara, secca e, se puder ser, perto de arvoredo. Antes da mudança manda desinfetar a casa com todo o rigor, desde a porta da rua até a do quintal, e fazer depois grandes lavagens com água fervida e potassa; não será excesso de limpeza mandar empregar também o sabão e a água raz, esta na lagagem de pias e exgottos,etc ( ALMEIDA, 1926, p.127).

Almeida alerta que a causa de muitas doenças podem estar na própria casa e que antes da mudança é importante saber se houve algum morador doente, além da necessidade de perguntar aos médicos qual produto é necessário desinfetar a casa diariamente em épocas de epidemia. Há também a recomendação de vigiar a higiene das crianças e orienta-las quanto a preceitos higiênicos.

Podemos observar que a condição feminina também resultava na responsabilidade de apreensão de saberes e práticas higienistas, que estavam cada vez mais associados ao bem estar da família e colocava a mulher no centro da responsabilidade em promover a saúde familiar. Estes valores tornavam o ato de ler, além de uma educação para as moças, como uma necessidade.

### **3.3 Ser dona do lar: um saber necessário e exclusivamente feminino**

Ser uma boa dona de casa faz parte da condição feminina nos manuais de Júlia Lopes de Almeida e também estava associada com o ser boa mãe e esposa. Ser a dona do lar naturalmente está associado à figura feminina e esse lugar foi aprimorado com modelos educativos que proporcionasse uma melhor execução dos afazeres domésticos.

O *Livro das Noivas* e o *Livro das Donas e Donzelas* dão orientações às moças de classes abastadas de como se organizarem na administração de suas casas fazendo parte do cumprimento de sua função social. O direcionamento de sua literatura para as mulheres de classes abastadas se justifica na própria afirmação de Almeida:

Mas minhas amigas, não vos esqueçaes de que o homem é egoísta e auctoritario e de que para fazel-o feliz, como vos cumpre, tendes de renunciar ao doce ócio em que o vosso pensamento de balança e tel-o sempre vigilante e activo ( ALMEIDA, 1926,p.75).

O ócio não fazia parte da realidade das mulheres que pertenciam às classes populares já que normalmente não possuíam criados e tinham que trabalhar nos seus próprios afazeres domésticos, servindo sua própria família. Já as mulheres de classes sociais mais elevadas, mesmo que tivessem criados, deveriam atuar como donas de casas, direcionando os criados e orienta-los no serviço. Almeida alerta sobre a importância na orientação dos criados como uma condição para que a mulher possa ter mais tempo de executar outros projetos paralelos, como pintura e até mesmo a literatura. Alegava existir uma regra básica para associar seus projetos com o dever de ser dona de casa, que é ter: “uma boa distribuição de serviço” (ALMEIDA, 1926, p.73).

De acordo com Almeida, as mulheres deveriam cada vez mais cedo aprender os afazeres de donas de casa. Afirma que muitas moças que não são educadas desde cedo a serem boas donas de casa, levam para o casamento uma falsa idéia de vida a dois, fator este como sendo a causa de sofrimentos conforme podemos observar no seguinte trecho do Livro das Noivas:

Muitas mães poupam as filhas aos exercícios caseiros, dizendo: a experiência ou a necessidade as ensinará. Mas a experiência e a necessidade ensinam com lágrimas, com batimentos de coração e arrepios de susto! Todo trabalho que não conhecemos, espanta – nos; e as coisas mais simples tomam proporções complicadíssimas (ALMEIDA, 1926, p. 74).

Segundo Bourdieu (2002, p.51), “É sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho”, portanto, as moças desde cedo recebiam suas instruções sociais em sua própria família, onde a idéia de divisão sexual do trabalho pudesse ser naturalizada e que estava nos serviços domésticos o principal trabalho das moças.

Havia a defesa inclusive do dever das mães em educar as suas filhas, para que pudessem se tornar boas donas do lar, mesmo havendo a presença de criados, pois segundo Almeida: “Para sabermos mandar, é praxe velha, devemos saber fazer” (1926, p.74). A necessidade do cuidar do lar é atribuída às filhas e não aos filhos, considerando que o cuidado com o ambiente pode ser considerado como uma necessidade humana, praticado por todos sem distinção de sexo, mas o cuidado e a administração do lar eram atribuições legítimas e culturalmente femininas. Fazendo parte de uma educação feminina e da própria consciência da mulher ao se introduzir no casamento, pois conforme a autora: “Uma noiva, portanto,

precisa meditar em que só a sua influencia tornará o seu lar risonho ou triste e aperceber-se para criá-lo ameno e bom” (ALMEIDA, 1926, p.74).

Almeida defende a opção das mulheres em terem projetos alternativos como: a música, a literatura, entre outros. No entanto, a prioridade deveria ser o lar, por isso que orientava ter sempre o método e o rigor na administração do lar, na distribuição de serviços entre os criados para que lhe sobre tempo de executar outras funções. Almeida aconselhava que havendo uma boa administração do cumprimento dos deveres domésticos, haveria tempo de ser dedicar a outros afazeres de lazer, conforme a própria autora nos ajuda a refletir: “Tendo distribuído o serviço com intelligencia e justiça, parece-me que uma senhora excusa de abandonar o seu piano – por falta de tempo, como a maioria confessa”. (ALMEIDA,1926, p.76).

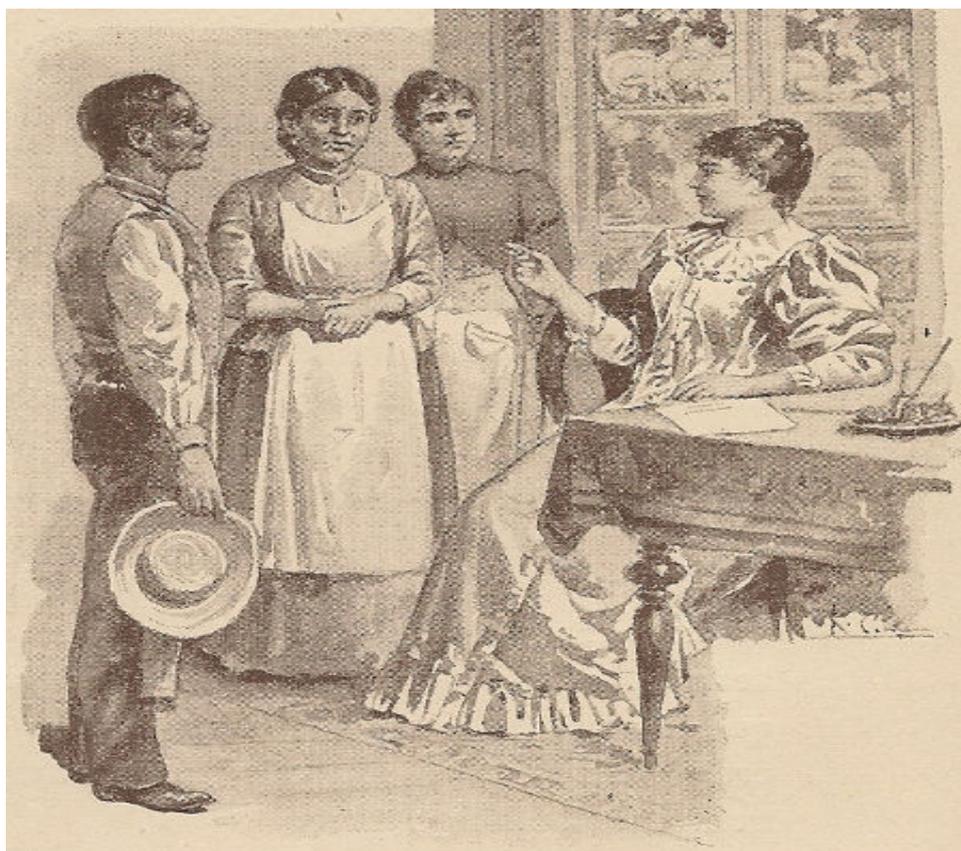


Figura 4 – Imagem referindo-se a distribuição de serviços entre os criados.

Fonte: ALMEIDA, Júlia, 1926, p.75.

Almeida ainda descreve formas de como atuar nas atividades domésticas e estas descrições são mais precisas no *Livro das Noivas*. Além de considerar importante uma educação que apreendesse os deveres domésticos, Almeida considera também que a mulher reflita sobre uma boa educação para lhe dar com os criados, denunciando tratamentos injustos pelos quais alguns criados são submetidos, e maneiras de tornar a convivência entre patrões e criados melhor, e ainda ressalta que avaliando o tratamento que se dá aos criados evitará às patroas um “(...) duplo trabalho e ficar amofinada, doente, nervosa!” (1926, p.119).

Há ênfase para que se observe a trajetória de vida dos criados, onde muitos ou são ex – escravos ou possuíam um histórico de vida de sofrimentos e descasos sociais e, portanto, Almeida faz a seguinte afirmação: “Seja como for, não nos assiste com certeza é o direito de nos queixarmos tanto d’elles” ( ALMEIDA,1926,p119). A autora orienta que se tratassem os criados com maior dignidade resultaria em maior respeito e dedicação por parte deles e o trecho a seguir nos faz compreender esta idéia:

São coisas essas que se adquirem á parte, com a polidez do mando, a justiça para com o esforço tentado e o trabalho cumprido, a compaixão para com as suas fadigas ou doenças, a piedade para com as suas maguas, - o não sei quê, enfim, de communicativo e de affectuoso que vae do amo ao servo, os prende um ao outro, faz com que a casa lhes seja commum, e que o criado não diga nunca – a casa dos patrões, mas sim – a nossa casa (ALMEIDA, 1926, p.121).

Almeida orienta ainda que se ensinassem as crianças a terem mais respeito pelos criados, e sendo necessário, puni-las com castigos em casos de injustiças cometidas contra os criados, tendo, portanto, um caráter educativo e instrutivo em seu discurso. Ser dona de casa não se resumia apenas em saber executar serviços e orientar os serviços, mas tratava-se também de atuar nas relações humanas, como formas de tratamento.



Figura 5: Imagem do Livro das Noivas referindo-se ao bom tratamento pessoal para com os criados.

Fonte: ALMEIDA, Júlia , 1926, p.122.

Há outras abordagens sobre temas relacionados a assuntos domésticos, onde Almeida faz idealizações de como ser uma dona de casa. Esta questão pode ser observada no seguinte trecho do *Livro das Noivas*: “Uma gaveta denuncia fatalmente a dona; se ela for esmerada, lá terá divididos em rumas, de grandes ou pequenas dimensões todos os objetos de uso” (ALMEIDA,1926,p.19). A autora ainda descreve formas de atuar no lar como decorações do lar, como ter práticas de floricultura e horticultura, além de descrever formas de organização de uma casa com capítulos dedicados a arrumação da mesa, da cozinha e da sala, como arrumação dos móveis e suas escolhas. Suas descrições são bastante influenciadas por modelos europeus, já que a autora se ocupa em retratar maneiras de etiquetas e sua ação de escritora como dicas de uma ménagère, o que indica grande influencia da cultura francesa no campo de atuação do lar, além da supervisão feminina nos afazeres domésticos como sendo uma atividade atribuída exclusivamente a mulher.

### 3.4 Ser mãe: o destino ideal da mulher e sua missão de vida.

Identifica-se nos livros relacionados por este estudo uma grande exortação moral relacionada com a maternidade, nomeando esta etapa da vida da mulher como talvez a mais nobre e digna que pudesse ser vivenciada. Almeida afirmava que a maternidade era uma etapa cheia de sacrifícios que deveriam ser plenamente executados como um dever:

Ser mãe é renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegancia; é deixar de aparecer nos bailes em que a vigília se prolonga, o espírito se exalta e o corpo se cansa no goso das valsas; é não sahir sem temer o sol, o vento, a chuva, na desgraçada dependência do terror immenso de que a sua saúde soffra e reflecta o mal na criança; é passar as noites num cuidado incessante, em somnos curtos, leves, com o pensamento sempre preso á mesma creaturinha rósea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magoa os braços, que a enfraquece, que a enche de sustos, de trabalho e de prevenções - mas que a faz abençoar a ignota Providencia de a ter feito mulher, para poder ser mãe! ( ALMEIDA, 1926, p. 171 e 172)

O *Livro das Noivas* associa os saberes médicos e a educação das mães como fator do pleno êxito na conquista da saúde dos filhos. Recomendava inclusive que as mães lessem manuais de puericultura como um instrumento para nortear o tratamento dos filhos como podemos constatar: “Todas as senhoras devem, repito, ler com escrupuloso cuidado, antes do nascimento do seu primeiro filho, algum livro concernente á boa hygiene das amas e á amamentação das crianças” (ALMEIDA,1926,p.189), evidenciando uma preocupação com a hygiene e a necessidade de obtenção de conhecimentos pela prática da leitura.



Figura 6 – Imagem exaltando a maternidade.

Fonte: ALMEIDA, Júlia, 1926, p.171.

A terceira parte do *Livro das Noivas* é dotada de orientações de cuidado com a prole, influenciado pelas descobertas científicas ligadas a saúde. O livro não se trata de um manual de puericultura, mas agrega a educação dos filhos com saberes médicos, além de também orientar a saúde das mães como uma necessidade moral. Há a tendência de uma ação educativa para as mães para que pudessem melhor desempenhar a educação dos filhos e superar o que Almeida chama de educação mal feita, já que defendia a capacidade da mulher educar seus filhos partindo do princípio de que também fosse educada para a função materna.

Alguns elementos presentes nos livros de Almeida sobre a maternidade nos sugerem que esta talvez fosse uma das etapas mais importantes da vida de uma mulher e digna de menção ao se pensar numa instrução para mulheres, daí talvez a grande ênfase nas recomendações no cuidar dos filhos como dicas de higiene, além de planos de horários de banhos, alimentações e sono para os infantes. Almeida faz ainda recomendações sobre a

amamentação, fator este que exigia muito da mulher na aquisição de cuidados com a sua própria saúde, e que estava no cuidado maternal o sucesso da amamentação.

Há também um discurso encorajador por parte de Almeida para que as mulheres pudessem tomar posse de sua condição materna com tranqüilidade, desde que fossem bem instruídas para a execução de função. Podemos constatar tal idéia na através de sua própria declaração sobre a possibilidade de amamentação dos filhos além de retratar a educação que eram oferecidas as mulheres, educação esta que inclusive pouco instruída as mulheres na preparação do exercício de suas funções de esposa e mãe:

Minhas amigas, muitas vezes depende da nossa vontade (...) o amamentarmos o nossos filhos. Illuidimo-nos frequentemente a respeito de nós mesmas! Temos força, e julgamos-nos fracas; temos coragem, e supomo-nos medrosas! Dizem que somos débeis ( e chegam a convencer-nos) porque somos franzinas, ou porque somos pallidas, ou porque somos tristes! Não se lembram de que tudo isso é effeito de uma educação mal feita, - contra a qual devemos reagir a bem de nossos filhos, - passada no interior da casa, sem exercício, sem convivência, sem jogos, sem despreocupações de preconceitos, sem estudo bem ordenado, sem viagens, sem variedade, sem alegria, enfim! (ALMEIDA, 1926, p.185).

Identificamos, portanto, que Almeida denuncia que a mulher não educa sabiamente os filhos não por negligencia própria, mas por ausência de uma “sciencia de educar, tão necessária à vida da mulher”( ALMEIDA, 1926,p.187). Para a autora, estava na figura feminina a possibilidade de detenção desta ciência, para que pudesse melhor fazer cumprir o seu dever de mulher, e os preceitos desta ciência incluía mais elementos que a afetividade, mas também, domínio da execução de saberes científicos sobre a administração da saúde familiar, além de preceitos educativos e morais.

Os ideais de mãe e de criança estavam presentes nos livros. Almeida relata algumas fases do desenvolvimento das crianças em seu manual descrevendo sempre crianças brancas. Orientava que através do leite materno se fazia a troca de influencias morais exercidas pela família e que se deve evitar a amamentação realizada por outras mulheres: “Porque o leite é o sangue, e no sangue pode ir a transmissão das paixões, das doenças, dos vícios constitucionaes, de defeitos de gênio, e de character, tanto como pela geração” ( ALMEIDA, 1926, p.188). Há ainda o ideal de mães brancas, onde há um julgamento de que algumas mazelas educativas associadas às mulheres fossem influencias de negras na criação: “Essa tristeza e essa inércia vêm do leite das amas negras, escravas e matyres silenciosas, ou

creaturas indiferentes e boças” (ALMEIDA,1926,p.186), estes elementos, constataam por exemplo, a hegemonia da cultura européia no Brasil.

A abordagem sobre a maternidade não estava relacionada somente a cuidados médicos e inclinações morais, mas necessitava de uma ampliação educativa que permitisse as mães selecionar melhores condições de vida de seus filhos. A maternidade não se resumia apenas em criar os filhos, mas monitorar sua educação, como a sua formação intelectual. Aos filhos homens havia certa autonomia, devido à própria questão social que favorecia aos homens a ocupação de posições privilegiadas socialmente. As filhas mulheres havia a necessidade de monitorá-las, inclusive no tipo de literatura pela qual se fazia uso. Almeida defendia inclusive a leitura de jornais como a forma mais eficaz de conhecimento do povo, quando afirma que:

Há quem proíba a meninas e rapazinhos a leitura dos jornais. Por mim não me parece que haja nisso bom senso. O jornal é toda a alma da cidade, com os seus vícios, as suas misérias e as suas glórias, que fazem tremer de horror ou de entusiasmo, e que, melhor que todos os livros de filosofia, ensina a conhecer o coração de um povo (ALMEIDA, 1906,p.16).

Almeida foi uma defensora da ampliação da educação feminina. Educação esta ora com o fim da mulher ter um ofício em casos de perdas da fonte de sua subsistência, ora para desempenhar suas funções femininas dentro da sociedade. A autora associou, inclusive a educação das mulheres como um bem social, porém enfatizava que a monitoração da educação feminina era também um dos deveres das mães, que ensinassem as suas filhas as recomendações das atividades femininas, que deveriam ser apreendidas. Era contrária a proibição do aprendizado da leitura as meninas, mas se mostrava a favor da orientação da leitura para as meninas, pois era necessário segundo Almeida, a leitura dos bons autores para que pudessem “aprender para ensinar! Eis a missão sagrada da mulher” (ALMEIDA, 1926, p.39).

Ora se o pae as acostumasse aos bons livros; se em vez de os apontar como nocivos, os buscasse como proficuos, escolhendo-os criteriosamente; (...) ellas por certo não leriam contos mal traduzidos nem pouco moraes e fugiriam espontaneamente de gastar o seu tempo e de estragar o seu gosto. Quem está acostumado a uma leitura sadia, ás obras dos mestres, não supporta a linguagem pervertidora dos romances maus ( ALMEIDA, 1926, p.36).

Defendia que no direcionamento da leitura das moças, se estaria facilitando a sua instrução, tornando-a “apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhes largueza de vistas” (ALMEIDA, 1926, p. 38). Almeida associa ainda a falta de interesse das moças por literaturas instrutivas a pouca orientação que recebiam em casa, pelos seus pais e afirmava que “desgraçadamente não sabemos ler! É raro encontrarem-se nas nossas salas duas senhoras que fallem de litteratura(...)Do jornal lêem o folhetim, isto é, o romance de enredo” (ALMEIDA, 1926, p.36), dando a entender que era preciso que houvesse o direcionamento das leituras das filhas, adestrando seus gostos para que soubessem aproveitar os benefícios de uma boa leitura.



Figura 7 – Imagem referindo-se a necessidade das filhas terem sua literatura orientada pelos pais.

Fonte: ALMEIDA, Júlia, 1926, p.37.

A mulher idealizada tinha a necessidade de reunir muitos atributos relacionados não somente a ciência do lar, mas que soubessem atuar no âmbito familiar, na resolução dos

conflitos familiares, com isso Almeida aborda ainda cuidados necessários que uma noiva deve ter no trato com suas futuras sogras, colocando a mulher na prática de um dever pacifista das relações familiares. Ainda segundo Bourdieu (2002, p. 21):

Forma peculiar da lucidez especial dos dominados, o que chamamos de “intuição feminina” é, em nosso universo mesmo, inseparável da submissão objetiva e subjetiva que estimula, ou obriga, à atenção, e as atenções, a observação e a vigilância necessárias para prever os desejos ou pressentir os desacordos.

Almeida tenta firmar a mulher em um patamar de importância social, valorizando seu gênero pelas atividades sociais pela qual executa e afirma que o encanto da vida de uma mulher está justamente no conjunto do seu trabalho e que não deve encarar sua vida como de menos importância para a sociedade. Podemos entender a literatura de Almeida, como o início de um movimento de valorização da mulher dentro da sociedade, e pelas funções que executa, quando inclusive afirma que: “A poesia da vida abrange tudo, desde as obrigações mais árduas e imperiosas, até as mais fúteis e subtis; e é exactamente nesse conjunto de antitheses que está o seu principal encanto” (ALMEIDA, 1926, p. 27).

Percebemos que a mulher ocupava uma função única na sociedade e muitas responsabilidades morais lhe eram atribuídas, como de ser dona de casa, mãe e esposa. Almeida reconhecia esta responsabilidade moral, enfatizando a necessidade da educação para as mulheres, porém não rompe com a relação de dominação masculina existente. Bourdieu (2002) nos ajuda a compreender a relação de Almeida com a defesa da ampliação feminina sem romper com os ideários de sua dominação cultural:

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produtos da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. Porém, por mais exata que seja a correspondência entre as realidades, ou os processos do mundo natural, e os princípios de visão e divisão que lhes são aplicados, há sempre lugar para uma luta cognitiva a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais. (BOURDIEU, 2002, p.11)

Portanto, por mais que uma questão cultural seja forte e dominante, há pensamentos questionadores sobre as relações sociais postas, e Almeida e suas obras contribuíram também

numa perspectiva de questionar algumas questões sociais de submissão cultural pelas quais as mulheres estavam submetidas, como a própria educação que era proporcionada às mulheres, por ser um elemento muito criticado por Almeida devido a seu caráter restritivo.

## CONCLUSÃO

Através da análise dos Livros de Júlia Lopes de Almeida em conjunto com elementos de sua biografia, e relacionando estes elementos com as fontes secundárias que tratam da historiografia da mulher brasileira, podemos constatar que a educação reservada às moças brasileiras dos finais do século XIX e início dos XX era ainda muito restrita.

Aspectos culturais da sociedade patriarcal brasileira negavam a mulher uma educação no sentido de emancipá-la socialmente, restringindo o seu campo de atuação social em comparação com a autonomia social dada aos homens. Este aspecto não significa que as mulheres não recebessem nenhuma orientação educativa.

Através do desenvolvimento dos capítulos, pretendemos demonstrar que a educação reservada às mulheres estava caracterizada pelo aperfeiçoamento do cumprimento de seus deveres sociais principais, que em suma eram o ser dona de casa, esposa e mãe.

Alterações no campo político brasileiro, como a transição do Império para República; influências iluministas experimentadas na Europa que de certo modo influenciavam os intelectuais brasileiros que difundiam estes novos ideais na sociedade brasileira, além da ampliação de escolas reservadas às moças eram o pano fundo para se pensar na necessidade de uma educação para as mulheres e neste cenário, surgia à literatura de Júlia Lopes de Almeida, como um instrumento de orientação para as moças. Instrumento este que demonstra alguns ideais sociais de mulher esperado pela sociedade brasileira, porém com elementos adicionais, já que se buscava também a valorização do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade, como um ente único, capaz de desempenhar funções únicas e primordiais na família e que, portanto, necessitava de uma conscientização de seu valor insubstituível.

Os livros relacionados nesta pesquisa: *O Livro das Noivas* e *O Livro das Donas e Donzelas*, não foram apenas manuais de execução de serviços domésticos, aconselhamentos maritais e de puericultura ou até mesmo modos de bem viver social. Estes livros desempenharam outras funções sociais, que ao seu modo, propagava um movimento de valorização da mulher, além de revelar a necessidade da ampliação de uma educação para as mulheres mesmo que fosse para ocupar as funções menos prestigiadas socialmente, pois segundo Almeida, o papel da mulher na sociedade não era nulo e sim de grande importância, bastava apenas que as mulheres obtivessem esta consciência, que poderia ser adquirida através de sua educação.

Júlia Lopes de Almeida atuou na defesa da ampliação de uma educação para as

mulheres para que pudessem melhor executar suas funções sociais, principalmente na educação dos filhos. Defendeu em alguns momentos que a mulher tivesse alguma profissão, porém apresentava um tom bastante moderado na defesa de uma possível profissionalização feminina, pois se referia a esta possibilidade apenas em casos de necessidade e não para ocupar uma relação de competição profissional com os homens, portanto, não desestabilizava as relações sociais vigentes da dominação masculina.

A concepção de educação feminina contida nos livros de Júlia Lopes de Almeida ainda era a de um ideal de dona de casa, esposa e mãe, de acordo com o contexto histórico de sua época. Sua linguagem era direcionada às mulheres brancas de classes sociais mais elevadas, onde estava presente a tendência de uma ação educativa que permitisse o aperfeiçoamento de seu papel social destas mulheres. Já havia influência de tendências liberais que previam a atuação da mulher em outros campos, como a literatura, porém nunca dissociando a sua prioridade que era o campo do lar.

Podemos identificar ainda que houve o reconhecimento da submissão feminina, mas os livros apresentavam horizontes inovadores, diferente talvez de apenas um conformismo de sua situação social, mas atuante em disseminar novas tendências de ampliação do campo de atuação feminino dentro de suas próprias limitações, ou seja, a literatura de Júlia favoreceu a ampliação da educação feminina até o limite que o contexto social-histórico do Brasil lhe permitiu, porém ainda estava presente a concepção de educação feminina de servir, prioritariamente, a um propósito familiar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O livro das Donas e Donzelas*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=7554](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7554). Último acesso realizado em : 31 de março de 2012.

\_\_\_\_\_. *O Livro das Noivas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: 1926.

BRASIL, Lei de 15 de outubro de 1827. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm). Acesso em 31 de março de 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. São Paulo: Bertrand, 2009.

DE LUCA, Leonora. “*O feminismo possível*” de Júlia Lopes de Almeida (1862 – 1934) [artigo]. Cadernos Pagu, nr. 12, 1999.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Território Plural: a pesquisa em história da educação*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

HAHNER, June. *A mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850 – 1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

RIO, João do. *Momento Literário*. Fundação Biblioteca Nacional, [19---?]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>. Último acesso em 26 de março de 2012.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. *A Escritora / Os Críticos / A Escrita: O Lugar De Júlia Lopes de Almeida na Ficção Brasileira* [tese]. Porto Alegre. UFRGR. 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.